O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — QUARTA-FEIRA 13 DE SETEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:297

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Marquez de Penalva.— A auctoridade administrativa em Goés.—Carta e protesto.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Digno de registar-se.—Lobão.—A mutilação de creanças.—Nova cultura e nova industria.—Carta de Goes.—Folhetim: Os Crentes.—Carta da Bairrada.—Secção litteraria.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

MARQUEZ DE PENALVA

I

Finou-se, desappareceu para sempre um dos vultos mais respeitaveis e respeitados da antiga fidalguia portugueza. Era nm aristocrata, mas era sem tom. Corria-lhe nas veias fidalguissimo sangue, mas tinha no coração a essencia do bem. Era uma tradição viva do passado, perante quem todos se curvavam reverentes. Herdara um nome illustre como os que o são, mas nunca invocou as tradições d'elle a não ser para o honrar e enaltecer com nobilissimas acções. A sua casa era porto de abrigo para muitos infortunios, lar amigo onde tinham logar os homens de todas as classes e de todos os partidos. Houve tempo que ella foi ponto de reunião d'uma geração de politicos e homens de letras, dos mais distinctos de Portugal, de ha quarenta annos; as quintas-feiras do palacio Penalva eram o mesmo que os sabbados da Ajuda; aqui presidia o primeiro historiador portuguez Alexandre Herculano, alli o morto illustre o sr. Marquez de Penalva. Os convivas eram quasi que os mesmos tambem.

D'esses poucos já restam, por isso cumpre aos novos, aos que vieram depois, fazer o que elles fariam se fossem vivos, desfolhar algumas flores sobre a sepultura do amigo que sabia ser amigo como os que o são, do fidalgo entre os fidalgos.

D'esse sentidissimo encargo procuraremos por desempenharmos no numero seguinte.

A Auctoridade Administrativa em Góes

E' muito para lamentar que a administração do concelho de Goes esteja entregue a quem tão mau uso está fazendo da auctoridade que lhe confiaram. Para o modo por que alli se está procedendo não podemos deixar de chamar a attenção do sr. governador civil do districto de Coimbra, que não queremos suppor connivente nos desmandos do seu delegado. Contenha-o dentro dos justos limites da mais escrupulosa legalidade; mas se isso não é possivel, como cremos—porque o homem é naturalmente incompativel com as ideias d'ordem e de seriedade—demitta-o que é melhor, substituindo-o por um cavalheiro digno. E, com prazer e com verdade o dizemos: em Goes mesmo encontrará s. ex.ª pessoa apta para o bom desempenho do cargo.

O que é preciso, o que é indispensavel é pôr termo nos desmandados de tão inconveniente auctoridade. Conjuramos o sr. governador civil de Coimbra, para que o faça. Aquelle estado de cousas é verdadeiramente impossivel.

Carta e protesto

Do nosso presado amigo e collega dos *Successos*, sr. Antonio Maria Marques Villar, recebemos a carta e o protesto que seguem, e que a seu pedido publicamos:

Queridos amigos e collegas.—Rogo-lhes a publicação, por obsequio especial, que não olvidarei, do presente protesto, nas columnas do vosso apreciavel *Campeão* e em logar bem visivel.

Honrae com as vossas estimadas ordens o

De vv. etc.

A. M. Marques Villar.

—

PROTESTO

Eu, Antonio Maria Marques Villar, vendo, com surpreza, no *Campeão das Provincias* e no *Districto de Aveiro*, annunciada a venda da terra da Sernada, sita em Requeixo, d'este concelho, para pagamento de dividas por morte do sr. João Maria Garcia, protesto desde já contra todo e qualquer acto que n'esse sentido se pratique sem meu inteiro conhecimento, com os seguintes fundamentos:

1.º—Ter eu justo e contractado a compra d'essa propriedade—á conta da qual já dei a quantia de *trezentos e sessenta mil réis*, como provo pelo seguinte documento em meu poder, competentemente sellado e reconhecido:

«Recebemos do ex.mo sr. Antonio Maria Marques Villar a quantia de trezentos e sessenta mil réis **por conta da compra que nos fez da terra da Sernada**, e por termos recebido esta quantia por conta da dita terra, passamos o presente, que assignamos.

Aveiro, 26 de julho de 1892.—*Maria Barbora Street Rangel de Quadros, João Maria Garcia.*»

(Segue-se o reconhecimento).

O respectivo conselho de familia admittiu e approvou sem restricções este documento.

2.º—Ser eu comproprietario do alludido predio da Sernada e, além de estar indiviso e não ter commoda divisão, a lei me garantir o direito de preferencia. (Artigo 1566 do Codigo Civil Portuguez).

3.º—Terem os vendedores havido a metade de todo o predio por testamento e morte de minha cunhado D. Catharina Rangel de Quadros, e contra a validade d'este testamento correr nos tribunaes uma acção, instaurada após a venda que me foi feita da dita Sernada—acção que, se fôr dada a favor de quem a instaurou, annullará todos os contractos que já se fizeram e se fizerem sobre os bens da referida D. Catharina, perdendo o comprador o direito com que se julgar e o dinheiro que por ventura desembolsar.

Este protesto em coisa alguma prejudica as boas relações d'amizade em que estou com minha presada sogra, a ex.ma sr.ª D. Maria Barbora Street Rangel de Quadros.

Aveiro, 12 de setembro de 1893.

Antonio Maria Marques Villar.

CARTA DE LISBOA

12 DE SETEMBRO DE 1893.

De importante ha apenas a falta de noticias do Brazil. O governo deve tel-as, mas julga conveniente não as publicar. Do proprio silencio se colhe que as cousas alli não correm bem para o pretenso dictador Floriano, que pelos seus actos tem concitado contra si a animadversão do paiz.

Depois d'isto ha apenas a patacoada dos exercicios militares, obra prima do *Boulanger* portuguez. As manobras, porém, diga-se a verdade, não tem corrido mal. Está n'ellas o soldado portuguez, e isso diz tudo.

Para presenciar os exercicios que vão ter logar em Tancos parte El-Rei para alli ámanhã, acompanhado da sua casa militar. Depois seguir-se-hão os que se preparam no Porto, e a estes vae assistir o sr. ministro da guerra com o seu luzido estado maior.

— O illustre Marquez de Penalva deixou d'existir. Estava na sua quinta das Lapas com a senhora Marqueza, foi alli accommettido da doença de que foi victima. Caracter acima de toda a excepção, homem d'uma só fé, pertenceu sempre ao antigo partido legitimista e nunca as suas crenças foram outras:—n'ellas nasceu, n'ellas militou, e n'ellas se extinguiram os seus dias. Era antigo par do reino, mas nunca quiz tomar assento no parlamento. Na vida intima o seu viver foi o d'um anjo. Idolatrava a respeitabilissima esposa como queria aos filhos que extremecia. A sua morte deixa em luto as familias mais distinctas do paiz, das quaes era proximo parente. Os seus restos vieram para Lisboa, onde tiveram as honras respeitantes á sua alta stirpe. O partido legitimista perdeu n'elle um dos seus membros mais distinctos, a velha aristocracia uma das suas mais puras distincções e o paiz um dos filhos que mais lhe queria—um verdadeiro patriota. A' senhora Marqueza, a essa notavel distincção da velha aristocracia, a esse notavel exemplar de pureza e de santidade envio d'aqui a expressão sentida da minha mais profunda dôr.

O seu enterro foi uma manifestação completa do respeito que todos lhe tributavam. A velha aristocracia estava alli toda, nenhum de seus membros faltou no grande cortejo:—todos os que não estavam fóra de Lisboa acompanharam o illustre extincto á sua ultima morada. O enterro verificou se hontem.

— Verifica-se na proxima quinta-feira a assignatura real. N'este dia é positivamente assignado o decreto sobre o pessoal de fazenda. Agora não ha que duvidar. A publicação d'esse trabalho é esperada com anciedade por todos os interessados.

— Houve hoje conselho de ministros em casa do sr. presidente do conselho. O trabalho foi demorado por causa principalmente da questão dos correios.

— O sr. Genart Mayer, o depositario infiel das grandes sommas que a repartição geral dos correios lhe confiara, está ainda hoje na esquadra das Monicas e incommunicavel. O desfalque monta a muito mais do que a principio se disse, ascende—diz-se—a mais de 45:000$000 réis. E' seu fiador um capitalista que terá de responder até á cifra da fiança, mas esta é relativamente pequena em relação com a falta que apparece. O facto, como é de suppôr, desgostou profundamente o honradissimo director geral dos correios, tanto que chegou a pedir a sua exoneração do cargo que exerce. Ninguem crê porém que lhe seja dada, pois que o sr. Guilhermino de Barros é, sem duvida, um dos funccionarios mais zelosos, mais circumspectos, mais integros e mais dignos do paiz. Sabe isto toda a gente, e não ha ahi partido nem homem publico que, como tal, deixe de o considerar. A sua sahida pois do logar que tão exemplarmente serve ha tantos annos seria facto que ninguem deixaria de condemnar.

— O sr. ministro da guerra acaba de praticar um acto condemnavel, ou melhor mais um. Attribuindo ao sr. Lourenço Cayola os artigos militares publicados no *Correio da Noite*, s. ex.ª acaba de o transferir para longe da sua habitual residencia. E' um folle d'odios e de malquerenças este espaventoso ministro. Sobre o assumpto um collega d'aqui escreve:

«O 2.º tenente de artilheria, sr. Cayola, que estava em commissão no arsenal do exercito, foi mandado apresentar em Elvas, por ser o supposto auctor dos artigos publicados no *Correio da Noite* sobre as manobras militares.»

E' que estes escandalos, é que estas pequenezas ferem profundamente a todos os que possuem ideias liberaes.

— Como já lhe disse, um ecclesiastico chegado ha dias a Lisboa achou dentro da carruagem em que veio uma mala com valores importantes, objecto que o digno ecclesiastico se apressou a entregar á policia. Fez-se o annuncio respectivo e até hoje não lhe apparece dono. Da administração do 2.º bairro, onde ella está depositada, foram enviados telegrammas para varios pontos, onde se suppõe existir o proprietario d'esse achado que é deveras valioso, mas por emquanto sem resultado. O achador foi o honrado sr. prior de Lumiar.

Tinha escripto o que acaba de lêr-se quando tive conhecimento de que appareceu emfim o dono da mala. E quer v. saber a quem ella pertencia? Nada menos que ao nosso bom e dedicado amigo, sr. dr. Antonio de Magalhães Mexia. Os objectos que a mala continha eram nada menos que peças d'ouro, dinheiro e brilhantes de subido valor. Agora já está de posse dos objectos. Para outra vez necessario é que seja mais cauteloso.

— O testamento com que falleceu o pae do sr. dr. Eduardo d'Abreu, d'esse homem que nasceu pobre, que começou a sua vida pela occupação de simples marçano, e que a troco d'um trabalho insano mas honrado pôde realisar uma das maiores fortunas insulares, é um documento digno de lêr-se. D'algumas das suas disposições diz um collega nosso d'aqui:

Deixou testamento, que foi encontrado no seu escriptorio da ilha Terceira, o honrado e benquisto negociante sr. Bento José de Mattos Abreu. E' um documento digno de quem tão exemplar foi em toda a sua vida, como cidadão, como trabalhador e como chefe de familia. Constitue herdeiros seus quatro filhos, deixando parte da terça aos seus parentes pobres de Amares e a seu filho José Julio, companheiro de 30 annos de trabalho, pedindo aos outros filhos que levem a bem este especial legado porque fôra elle quem o ajudára a constituir quasi toda a fortuna que lhes deixa.

Deixa um movel de familia, commoda e oratorio a sua filha Maria. Contempla os asylos e hospital de Angra do Heroismo com legados de 500$000 réis. Deixa muitas esmolas a familias pobres, a cegos, viuvas e orphãos. Pede aos filhos e aos genros que sejam sempre amigos, trilhando pelo caminho da honra em memoria do seu pae e do seu melhor amigo. Perdôa todas as dividas aos caxeiros Quer que sejam dadas esmolas no dia do seu enterro e um abundante jantar aos presos das cadeias. Nomeia seu testamenteiro seu filho José Julio.

Isto diz muito do elevado caracter do extincto, cuja perda foi muito pranteada na Ilha Terceira.

— Parece que ha, ou seja no quartel general da terceira divisão, ou mesmo no ministerio da guerra, intriga grossa contra o sr. João Maria Lopes, tenente de cavallaria. Este official, aliás habil e illustrado, tem o quer que seja de indisposição, que o não deixa parar nos corpos onde está. Estava n'um dos corpos de cavallaria de Traz-os-Montes e foi mandado para o 10. Estava no 10, e fazia agora parte do destacamento que está no Porto, é chamado ao ministerio da guerra e alli recebe guia para o 3, que está em Extremoz. Ignoro o que possa haver contra este official, para que assim o façam andar d'um extremo do paiz para outro sem contemplação com elle, que me merece o conceito d'um bom caracter, e com a familia que o cerca. O official a que me refiro é genro do velho e honrado general de infanteria, sr. Luiz Rufino Chaves, um dos mais beneméritos filhos d'Ovar, que ha muito reside em Chaves, onde casou, onde tem familia e onde é muito considerado. Lamento o facto que se dá com seu genro, facto que tem pouco de agradavel.

— O processo intentado pela companhia de Moçambique contra a companhia South Africa Company, que por algum tempo esteve suspenso, foi ha dias decidido pela camara dos lords constituida em supremo tribunal. Este não se julgou competente para julgar do caso, porque não sabe se a questão se passara em territorio inglez. N'este caso a companhia de Moçambique foi condemnada a pagar as custas. Entretanto esta decisão não affecta nada os interesses portuguezes. O que o alto tribunal decidiu foi que as justiças inglezas não tinham jurisdicção nem competencia para decidir tal pleito.

— Tem vindo a Lisboa quasi todos os governadores civis dos districtos. Ultimamente vieram o de Faro, o da Guarda, o de Bragança e o de Castello Branco.

— Os carteiros de Lisboa entregaram hoje ao sr. Guilhermino de Barros uma manifestação de sentimento pela sua annunciada sahida do cargo que tão distinctamente tem exercido.

Mensagem firmada por mais de 400 assignaturas foi hoje entregue por uma commissão ao sr. ministro das obras publicas pedindo que o sr. Guilhermino de Barros seja conservado no seu logar. E' o cavalheiro de que se tracta quem insta pela sua transferencia de serviço.

Por seu lado o sr. Alfredo Pereira insta por uma syndicancia aos seus actos, syndicancia que decerto se não verifica, pois que a sua reputação como funccionario está tambem a par das mais illibadas reputações, dos mais escrupulosos e mais dignos funccionarios do paiz.

— O sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, desenhador de 2.ª classe, que tem servido nas obras publicas d'esse districto foi mandado fazer serviço na repartição de industria.

— O que ha de mais positivo sobre a celebre questão dos correios a que deu causa a subtracção de tantos valores levada a effeito pelo sr. Mayer, é que o sr. Guilhermino de Barros insta pela sua transferencia para outro serviço; e o sr. Madeira Pinto, em quem se fallava para o substituir, mostra não ter o menor desejo de passar para áquelle logar, pois ainda hontem manifestou vivamente ao sr. ministro das obras publicas a sua repugnancia n'esse sentido. Posso porém asseverar que não está por emquanto assignado nenhum decreto sobre o caso.

O sr. Alfredo Pereira depôz no sabbado nas mãos do sr. Guilhermino de Barros o pedido para se proceder a uma rigorosa syndicancia aos seus actos desde que exerce o logar de inspector geral dos correios. Parece porém que não será attendido. O sr. Alfredo Pereira foi ante-hontem com esse fim a Cintra fallar com o sr. ministro do reino e depois a Algés, com o sr. presidente do conselho. O sr. Alfredo Pereira esteve hontem de tarde com o sr. ministro do reino, renovando as suas instancias.

A commissão incumbida de dar balanço ás requisisões feitas por Genest Mayer á Casa da Moeda, composta dos srs. Angelo Barata, Baptista Lopes e Carvalho Ribeiro, esteve hontem na esquadra das Monicas, onde o sr. Mayer continúa detido. Tambem alli estava o juiz sr. dr. Veiga. A commissão foi confrontar a nota do alcance com a que Mayer déra, que é apenas de 24:000$000 réis. O alcance, segundo a nota da commissão, orça por 45:000$000 rs. e data de 1887. Quando se viu completamente descoberto, Mayer ajoelhou aos pés do sr. dr. Veiga, pedindo perdão. Na sala contigua estava sua esposa. E' inexacto que fosse a commissão de syndicancia em tempo nomeada quem deu pela fraude. Um 1.º official dos correios é que denunciou o compromettido, dirigindo-se para esse fim ao sr. ministro das obras publicas. Esse official trabalhou muitos mezes a occultas até chegar bem ao apuro da verdade, fazendo em seguida a denuncia.

— Foi exonerado do cargo que exercia na instrucção publica o sr. Bento José da Costa, que foi inspector d'instrucção primaria ahi. Os fundamentos da exoneração são ter-se negado a cumprir as obrigações do cargo. Effectivamente receber o ordenado sem ter de satisfazer aos encargos do logar excellente cousa era se isso podesse continuar a permittir-se.

— Parece que será exonerado de administrador substituto do concelho de Gavião o sr. Antonio Ayres Seixas de Brito.

— O sr. conselheiro Silvestre Bernardo Lima, o professor distincto, o mestre d'agronomia mais respeitavel que o paiz possuia, deixou d'existir. Par do reino electivo e antigo deputado, progressista sempre, deixa de si o mais honrado nome. Era um athleta nas sciencias a que se dedicara, e foi sempre um caracter geralmente bemquisto. Não morreu velho, pois que apenas contava 69 annos. Era como o illustre general Cascaes, um apaixonado do Bussaco, por differentes causas *é certo, mas emfim apaixonados* d'aquella historica e aprazivel mausão.

— Foram nomeados interinos dos hospitaes civis de Lisboa os seguintes quintanistas de medicina, designação que recáe sempre sobre os mais distinctos:—*Hospital de S. José:* José Evaristo de Moraes Sarmento, Almeida Ribeiro, Barroso Monge, Julio Vidal, Arthur de Brito Penedo, Augusto de Miranda, Gomes Duarte, Mello e Faro, Eduardo Móra; *Hospital da Estephania*: José Manuel Ribeiro, Antonio Aresta Branco; *Hospital do Desterro*: Eduardo Caroço e Jayme Julião de Andrade Redondo.

— Deu hontem entrada no Tejo o *Rei de Portugal*, trazendo a seu bordo o nosso amigo sr. visconde de Melicio, que vem de perfeita saude. O navio, que é decerto o melhor da marinha mercante portugueza, trouxe mais do Brazil para Lisboa 350 passageiros e 11 em transito.

— As linhas do Algarve entre Pomarão e Mertola foram destruidas pelas ventanias em uma extensão de cem kilometros. Apenas escapou a linha intermedia por onde se está em communicação com Villa Real de Santo Antonio. O serviço telegraphico para alli é só acceite com a declaração de que o expedidor se sujeita á demora. A reconstrucção da linha, porém, deve estar feita.

— A linha telephonica que liga Lisboa ao Porto já está prompta a funccionar até ahi. O engenheiro-chefe da circumscripção vae sem demora proceder á conclusão e aperfeiçoamento da linha d'ahi ao Porto.

Y.

A' ultima hora.—Correvagamente que a esquadra brazileira está bombardeando a capital. O governo sabe o que ha, mas occulta-o.

— Acaba de suicidar-se aqui uma menina, disparando contra o peito um rewolver cujo projectil lhe atravessou o coração. A suicida pertence a uma familia distincta moradora na rua do Bemformoso. Deram causa ao successo amores mal correspondidos.

— Parece que entre o sr. Adolpho Loureiro, e o sr. ministro das obras publicas, se teem n'estes ultimos dias trocado cartas pouco amaveis da parte do 1.º d'estes cavalheiros para o 2.º e isto a proposito das obras do Tejo.

— Diz-se agora e affirma-se mesmo que haverá na direcção dos correios, troca de logares, entre o sr. conselheiro Guilhermino de Barros e Madeira Pinto.

Y.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE.—Para podermos dar logar ao artigo que publicamos sobre o fallecimento do sr. Marquez de Penalva, fomos forçados a retirar o nosso artigo de fundo, e ainda o que haviamos escripto sobre outro morto illustre, o sr. José Henriques Ferreira. Irão no proximo numero.

*

Os srs. assignantes de Cantanhede e Cadima, a quem convenha pagar alli a importancia de suas assignaturas podem fazel-o, entregando-as alli ao nosso muito presado e honrado amigo, sr. Moysés da Costa Silva Nora, que está completamente auctorisado para receber qualquer quantia que nos seja divida.

Notas da carteira.—Fez annos na proxima passada segunda-feira, a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia Seabra de Castro, virtuosa e digna esposa do nosso illustre amigo e nobre chefe do partido progressista, sr. conselheiro Luciano de Castro. Os nossos mais sinceros parabens a s. ex.ª.

— Está actualmente na Lamarosa o sr. conselheiro Julio Marques de Vilhena. S. ex.ª veio alli passar alguns dias com sua ex.ma sogra a sempre respeitabel sr.ª viscondessa de Monte-São.

— Está actualmente na sua casa do Fontão, no concelho de Albergaria, o dignissimo procurador regio junto á Relação do Porto. O sr. Augusto de Castro, acompanhado de suas ex.mas esposa e filhos, tenciona demorar se alli todo o resto do mez corrente, o que costuma fazer todos os annos.

— Foi muito aplaudido em Espinho, porque bandarilhou alli alguns touros no domingo ultimo, com muita felicidade e reconhecida mestria, o nosso sympathico amigo e conterraneo, sr. Francisco Couceiro, a quem por isso felicitamos.

Syndicancia.—Foram a Coimbra, em serviço de syndicancia aos actos d'um official reformado, os srs. Luiz Gordilho d'Oliveira Miranda e Arnaut Peres, dignos coronel e capitão de cavallaria n.º 10, tendo já regressado aqui da sua commissão.

Um clerigo digno.—Entregou ha dias a encommendação da egreja de Nossa Senhora da Gloria d'esta cidade o clerigo que por espasso de 17 mezes a serviu a contento geral da freguezia. O clerigo a que nos referimos é o sr. Manuel Simões Junior, um ecclesiastico com larga folha de serviços, muito serio e muito zeloso—um ecclesiastico digno em fim do elevado cargo que desempenhou. O clerigo de que se trata veio desempenhar aqui uma commissão difficil, mais difficil ainda por vir substituir um parocho que teve na terra o nome de José Candido Gomes d'Oliveira Vidal. Pois não se vae alem da verdade dizendo-se que o serviço da egreja de Nossa Senhora da Gloria foi desempenhado o mais zelosa e edificantemente que era possivel. Deixou aqui bom nome, deixou amigos e respeitadores o sr. Manuel Simões Junior.

Oxalá que possamos dizer o mesmo de quem o substituio, e que este, pelo seu comportamento possa tornar-se digno da effectividade no parrochiato, visto que n'elle se acha provido pelo poder temporal. Veremos e diremos.

Luto.—Está de luto um dos cavalheiros mais prestantes e mais respeitaveis do districto de Coimbra, o sr. Affonso Ernesto de Barros, protector valioso da Santa Casa da Mizericordia da Figueira, caracter por muitos titulos respeitavel. O illustre phylantropo acaba de perder seu muito presado irmão, successo que muito o compungiu e pelo qual d'aqui lhe enviamos a declaração sentida da nossa dôr.

Falta notavel.—As nossas communicações telegraphicas com a Barra estão ha muito suspensas. Pedimos para alli o serviço telephonico, que pelos nossos esforços se montou ha poucos annos, e agora porque se não manda para alli um empregado, está Aveiro sem communicação com aquelle aliás importante ponto.

Um jornal de Lisboa, o que verdadeiramente se interessa pelas cousas d'Aveiro, o *Correio da Tarde*, lembra ao illustre ministro das obras publicas que, sendo essa uma das promessas que s. ex.ª nos fez, a de ordenar logo a ida para alli de um empregado, ella está ainda por satisfazer. E' de crer, porém, que s. ex.ª depressa dê as suas ordens, e se o não fez até hoje, foi de certo por falta de lembrança—tão pouco difficil de satisfazer ella é.

Grande Hotel do Vouga.—Assistimos no domingo ultimo á festa inaugural d'este magnifico hotel local, destinado decerto a crear entre os melhores estabelecimentos do seu genero um nome como poucos. Edificado dos alicerces para receber desde os hospedes menos favorecidos da fortuna até aos mais exigentes, as condicções em que o collocou o seu digno proprietario, são de per si o bastante para fazer d'elle um hotel á verdadeira altura d'uma cidade que é capital de districto, recommendando se não só pela honradez que preside alli á sua boa administração, mas por muitos outros motivos que o tornam na verdade recommendavel. Visitamol-o, examinando-o detidamente, e, com franqueza, captivou-nos a commodidade d'aquelles amplos aposentos, cheios de luz e do ar que é tão necessario á vida, a hospitalidade generosa que se recebe em troca d'uma insignificante quantia, a boa vontade com que se satisfazem todas as exigencias, o severo cumprimento do que se trata—e isto é norma antiga porque sempre se guiou o sr. Abilio Pereira Campos, seu proprietario—a ordem, o aceio, o luxo mesmo em que o hotel está posto, e sobre tudo as garantias que a todos offerece uma casa montada n'estas explendidas e captivantes condicções.

O sitio é o melhor que a cidade tem, n'um largo em que se eleva magestosa e elegante edificação, donde se domina tudo, de onde se vêem o mar, os campos e as montanhas proximas, n'uns extensos panoramas, ferteis de luz e de côres, illuminados de verduras das ramagens e dos dourados cambiantes d'um largo horisonte azul.

Tudo no *Grande Hotel* concorre para o tornar assim um estabelecimento digno d'uma terra como a nossa, que procura elevar-se e engrandecer-se, seja embora á custa de grandes sacrificios.

A sua inauguração foi um facto digno de registo, que não descrevemos por completo pela escacez do espaço de que dispomos, mas a que não podiamos deixar de alludir, porque elle representa uma festa do trabalho, e nós temos por todas estas manifestações do progresso verdadeiro enthusiasmo.

Vimos alli n'aquelle dia tudo o que podia representar a obra do trabalho, as artes, a industria, o commercio, a imprensa, o funccionalismo etc., etc., transparecendo em cada expressão um sorriso de intimo jubilo, e em todos a mais viva manifestação d'um contentamento muito significativo.

O *Grande Hotel do Vouga*, foi inaugurado por um explendido jantar, offerecido pelo sr. Abilio Campos, a algumas das pessoas da sua maior consideração e a alguns dos seus amigos mais intimos, principiando ás 4 horas da tarde e terminando só muito perto das 10 da noite. Servido lautamente, n'uma abundancia sem limites e n'um aprimorado estylo culinario, foi magnifica a primeira refeição servida alli aos hospedes d'aquella casa. Ao *toist* foram levantados muitos brindes ao sr. Abilio Campos, e a todos os seus, a alguns cavalheiros presentes e ausentes, ao progresso da nossa terra, etc., etc.

Foi, por todos os motivos, uma festa sympathica, que decerto recordará sempre a quantos a ella assistiram, a inauguração do *Grande Hotel do Vouga*. Oxalá o seu proprietario encontre no favor publico a compensação devida aos seus esforços e sacrificios, que foram muitos e na verdade dignos de todo o auxilio.

Pomposa festividade.—No domingo, como de costume realisa-se na visinha freguezia de Esgueira, a festividade em honra de Nossa Senhora do Rosario, que é feita com toda a pompa.

Senhora das Areias.—No proximo domingo, festeja-se na bonita capella da costa de S. Jacintho, aquella milagrosa Imagem, tendo ruidosa vespera, com fogo, illuminação e musica. No dia, ha funcção d'egreja, procissão e arraial.

Romaria de S. Paio.—Foi extraordinariamente concorrida aquella popular romaria da costa da Torreira, sendo grande a affluencia de romeiros d'este concelho, que embarcáram na ribeira de Esgueira. Era bello o aspecto pittoresco da ria, sulcada por muitos barcos todos embandeirados e cheios de povo, que cantava e dançava alegremente. No arraial tocaram 3 musicas, e houve muita animação e alguma bordoada! Houveram muitas *promessas*, levando o milagroso *santinho* o competente banho... de vinho!... velha costumeira.

Em Espinho.—Nos dias 23, 24 e 25 d'este mez celebra-se n'aquella praia, a imponente festividade de Nossa Senhora da Ajuda, padroeira da freguezia e advogada da classe piscatoria. E' uma festa muito popular e que atrahe a Espinho, milhares de forasteiros. No dia 24 ha comboyos especiaes, do Porto e Aveiro para alli. No domingo e segunda-feira, ha duas brilhantes touradas. No dia 23 á noite, será queimado um brilhante fogo de artificio, e illuminado deslumbrantemente, o logar da egreja. No dia 24 festa d'egreja e procissão pelas ruas da praia, e de tarde arraial. No dia 25, ainda continuará a festa exterior, havendo musica e fogo. Tocam duas phylarmonicas. Um grupo de distinctas senhoras da colonia balnear promove um bazar de prendas a favor d'uma obra de piedade. A assembleia abre os seus salões para deslumbrantes *soirées*

Procissão de penitencia.—A molestia que tantas victimas tem feito em Pardilhó levou o bom povo d'aquella freguezia a impetrar do ALTISSIMO a sua clemencia. Impetrando-a houve alli ha dias uma procissão de penitencia, a que concorreu muita gente das freguezias proximas, acto que se verificou com verdadeira unção religiosa. Que o SENHOR ouça tão fervorosos votos e tão justificada impetração.

Guarnição.—Chegou a esta cidade uma força de infanteria n.º 12, a fim de fazer as guardas, visto o regimento de cavallaria n.º 10 estar resumidissimo.

Trabalho de pesca.—Não o tem havido porque o mar se fez bravo. Desde domingo, por conseguinte, que não ha trabalho em nenhuma costa. Hoje, porque se fez melhor, ha trabalho em todas as costas.

Chuvas.—Choveu por aqui mas limitademente nos ultimos dias da semana finda e já em alguns da presente. Foram d'uma grande utilidade para a agricultura. Algumas terras estavam extremamente precisadas d'ellas. Os trabalhos das salinas é que se atrazaram com isso immensamente.

Em Braga, e em outros pontos do Minho, choveu bastante na tarde e noute de domingo, o que foi bem para a agricultura, e mais especialmente para o vinho por colher, que agora é mais limpo e melhor sazonado.

Desordem em Espinho.—Um jornal do Porto, conta que por causa do *baccarat*, houve na noite de domingo ultimo, em Espinho, uma séria desordem, com scena de pugilato em que, entre outros, andaram envolvidos os srs. drs. Luciano Monteiro e Abilio Lobo, deputados da nação. Houve prisões, a policia foi desacatada e espancada e afinal foram todos mandados na paz do Senhor para suas casas. Presenciaram a desordem mais de 500 pessoas.

Os pescadores de Peniche.—E' verdadeiramente afflictiva a situação dos pescadores de Peniche, e tanto que acaba de constituir-se alli uma commissão para por qualquer fórma lhe obter donativos. A falta de pesca alli é notavel e a essa circumstancia se deve a penosa situação em que os pobres se encontram.

Bacalhau fresco.—Entrou ha dias na barra da Figueira, o lugre *Julia 2.º*, um dos trez navios d'aquella praça, que vão á pesca do bacalhau ao banco da Terra Nova. Diz um collega d'alli que este anno a estação foi rapida, abundante e feliz, o que é muito para estimar.

Exposição de sellos postaes.—No palacio de Crystal do Porto realisar-se-ha, dentro de poucos dias, uma exposição de séllos de todos os paizes, ao que nos informam, e bem assim de albuns, etc., promovida por um grupo de colleccionadores. O certamen será extensivo a todas as pessoas que a elle desejem concorrer.

Nova descoberta contra o mildiu.—Um importante lavrador do Douro, pessoa de respeitabilidade affirma que o desapparecimento *do mildiu, o terrivel flagello das vinhas*, que este anno tantos damnos causou, se obtém pela applicação da agua de tabaco em vez da calda bordoleza, o que, depois de successivos ensaios que ha muito se andavam fazendo, acaba de ser confirmado pelos resultados em larga escala alcançados por varios e inteligentes cultivadores do concelho de Sabrosa. Damos com satisfação esta boa noticia, fazendo votos por que tal flagello encontre no remedio descoberto um efficassissimo antidoto capaz de lhe neutralisar a acção nociva e destruidora que produz.

Notavel.—E' uma verdadeira obra de arte, feita em Cabinda, a urna em que veio de Africa, para Lisboa, o cadavee do duque de Uzes. E' trabalhada por operarios portuguezes, tendo sido empregadas n'ella as mais ricas madeiras africanas. A tampa tem um monogramma de metal e sobreposta a este a corôa ducal, sendo uma e outra cousa tambem executados em Cabinda. E' um trabalho verdadeiramente notavel e que acredita vantajosamente os artistas portuguezes que vivem alem-mar, n'aquelle ponto.

Egrejas a concurso.—Pelo praso de 30 dias, a contar de 12 do corrente, está aberto concurso para provimento das egrejas parochiaes: da Senhora da Graça do Carmo, no concelho de Souzel; de Santa Maria da Feira, de Constantim, concelho de Villa Real; de Nossa Senhora das Neves de Pouza Flores, concelho de Figueiró dos Vinhos; de S. Romão, concelho de Villa Viçosa; de S. Sebastião de Villa Cortez do Mondego, concelho da Guarda.

Noticias d'Agueda.—São da *Soberania* de 10 as seguintes:

Está n'esta villa, onde vem passar alguns dias, o sr. padre Luiz Avelino de Figueiredo, secretario particular do sr. Arcebispo de Mitylene.

— Falleceu ante-hontem na edade de 75 annos o sr. José da Silva Ruella, o mais velho negociante da villa d'Agueda. Era um homem bom e muito estimado. Sentimos a sua morte. A toda a familia do finado enviamos sentidos pesames.

— Na manhã de sexta-feira ultima deu-se no Cabeço de Bustos, do concelho d'Oliveira do Bairro, uma horrivel desgraça. Manuel Nunes Pardal, andando a mexer vinho dentro d'um balseiro, ou porque lhe escorregassem as mãos d'uma taboa que estava atravessada na bocca do balseiro, onde se apoiava, ou por qualquer outras circunstancias, cahiu abaixo e morreu logo asfixiado. Uma irmã, por nome Rita, corre em seu soccorro, mas apenas entra no balseiro, cahe por seu turno asfixiada tambem. Aos gritos de esta acodem os visinhos e Manuel Cigano ia sendo victimas, pois se o não retiram tão rapidamente do balseiro, morreria tambem. Esteve com os sentidos perdidos por espaço d'umas poucas de horas. Os dois irmãos—ambos solteiros—foram tirados de dentro do balseiro, sendo impossivel restituil-os á vida. O facto causou dolorosa impressão na localidade.

Noticias de Guimarães.—Em 11.—Effectuou-se hontem aqui á 1 hora de tarde a inauguração do monumento a Pio IX, observando-se o programma publicado. Assistiram os membros da grande commissão promotora d'esta obra e grande concurso de povo. Desvendou a estatua o rev. Antonio Leite Saldanha de Castro, sobrinho do abastado capitalista Fernando de Castro Abreu de Magalhães, que offertou a estatua. Foi modesta esta festa. Na cidade fecharam-se quasi todos os estabelecimentos e numerosas pessoas se encorporaram com uma banda de musica, avultando tambem o numero de senhoras, indo até ao local onde se acha o notavel monumento.

Falleceram aqui as sr.as D. Joanna Mendes Meira, mãe do sr. dr. Joaquim Meira e D. Maria da Conceição Vaz Napoles Amaral,sogra do sr. Adelino Tavares Ferrão.

A producção vinicula no Minho.—Sobre o assumpto um collega noss de Vianna diz:

Estão quasi concluidas as vindimas n'este concelho, e como já dissemos a colheita entre nós não é tão má como se esperava. N'este concelho, principalmente, a colheita pode considerar-se talvez maior que a dos annos anteriores acrescentando que a uva é d'um rendimento espantoso produzindo uma qualidade de vinho, magnifica como não ha memoria. O vinho novo vae-se vendendo já a 25$000 réis a pipa mas de melhor qualidade.

Grandioso mausoleu.— Sob este epigraphe escreve o *Conimbrecense* no seu ultimo numero:

O nosso patricio e amigo, e distincto artista, o sr. Antonio Augusto da Costa Motta,veiu ha dias a esta cidade para tratar da construção do grandioso mausoleu,que está mandando fazer no Cemiterio da Conchada, o sr. bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos. Este mausoleu, verdadeiro monumento, será obra prima no seu genero em Portugal. Nem nos cemiterios em Lisboa ha nenhum que exceda este, se por acaso ha que o eguale. O sr. Ayres de Campos dedica este mausoleu especialmente á memoria de seu saudoso e honrado pae, o sr. bacharel João Corrêa Ayres de Campos. O primeiro corpo é em forma de prisma octogonal. A cupula é em pyramide, terminando por uma figura, representando a religião, de 2m,60, de altura. O portiço central tem duas figuras, terminando com um frontão, encimado com uma cruz. Desde a base até á cabeça da figura da religião mede 17 metros e meio. Todo o trabalho é em estilo gotico. Dentro ha sarcofago, com duas figuras, de tamanho natural, de marmore Italia. Este sarcofago, collucado em logar de honra, é destinado para os restos mortaes do fallecido sr. bacharel João Corrêa Ayres de Campos. Por baixo do pavimento d'esse sarcofago, e em gavetões dos lados, ha logares destinados para a familia do actual bacharel sr. João Maria Corrêa Ayres de Campos. O mausoleu fica á direita da capella do cemiterio, e portanto á esquerda do espectador. E' feito de pedra lioz,de primeira qualidade, dos jasigos de Pero Pinheiro. Na ausencia do sr. Costa Motta fica a dirigir os trabalhos o architeto, sr. Julio Cesar Bivar. A despesa com este mausoleu, excederá a 20:000$000 réis não fallando em perto de 2:000$000 réis, que importará o terreno, comprado pelo sr. Ayres de Campos á camara municipal.

Bussaco.—E' ainda do *Conimbricense*, a seguinte noticia:

«No dia 27 do corrente mez de Setembro completam-se 83 annos depois que em egual dia de 1810 se feriu na serra do Bussaco a memoravel batalha em que o exercito francez do commando de Massena, *o filho querido da victoria*, como o denominou Napoleão, ficou vencido pelo exercito anglo-luso sob o commando de Wellington. Como este anno não coincide com um domingo o dia anniversario da batalha, effectuar-se-ha no domingo antecedente, que é a 24, a festividade que se costuma celebrar na capella do Encarnadouro, em commemoração da notavel batalha e de todos os gloriosos feitos d'armas praticados pelo nosso exercito durante a campanha peninsular. A festa é em honra da Senhora da Victoria. Espera-se que assistirá o sr. bispo-conde. O rev.º João Baptista de Figueiredo Breda, prior de Cantanhede e conceituado orador, que por vezes tem feito n'esta festividade apreciaveis orações sagradas, foi tambem este anno encarregado do respectivo sermão patriotico-religioso.

Crime d'aborto.—A policia de Lisboa acaba de capturar uma promotora d'abortos, no que fez um importante serviço moral e humanitario. Um collega nosso d'alli, noticia o facto nos seguintes termos:

«A policia tem em seu poder Maria Rosa, conhecida pela *Gorda*, por ser extraordinariamente grossa, moradora na rua das Taipas, 69, rez-do-chão, acusada de ter feito abortar varias mulheres, mister que exerce ha muito tempo e com bons resultados, segundo parece, porque a clientella era numerosa e alguma até escolhida, porque a visinhança diz que tem visto parar á porta da abortadeira trens, por diversas vezes,do interior dos quaes saem damas ostentando sedas. Tambem a visinhança diz que ella vivia em relativa abundancia, o que prova que a *industria* rendia. Esta mulher, que a policia prendeu eu virude de uma denuncia, deu entrada no governo depois das 2 horas da tarde de hontem, onde se acha incommunicavel, n'um dos calabouços,e não quer,segundo parece, confessar o seu grave delito, apesar da mesma policia ter já sob custodia duas mulheres, moradoras na rua das Taipas, a quem ella provocou abortos. E' provavel, pois, que a *Gorda* saia das negativas e acabe por confessar quantos abortos tem provocado, que, segundo as nossas informações, sobe a um numero respeitavel, havendo implicadas n'este crime algumas hespanholas e umas mulheres moradoras para os lados do Campo de Sant'Anna. Maria Rosa vive com José Mamede, moço de cavallariças, e na ausencia do amante dava consultas da sua especialidade a quem desejasse utilisar-se da sua sciencia.

Viageira infeliz. — Um trem que ha dias seguia pelo caminho d'Aldegalega para a ponte dos vapores d'aquella localidade, conduzindo a sr.ª Izabel Cardeira, precipitou-se no braço do mar que serve de abrigo ás embarcações pequenas e que n'aquella occasião tinha um metro d'altura de agua. A muralha tem dois metros de altura e o trem caiu na agua sem se voltar de forma que a passageira pouco se molhou. A sr.ª Izabel Cardeira, ia para o vapor da 1 1|2 da tarde a fim de seguir para as Caldas da Rainha e o trem era guiado por um seu filho. Deu occasião a este desastre o ter-se espantado o cavallo, quando o vapor silvava dando o signal de partida. O mesmo vapor em que aquella senhora veio para Lisboa, com outras pessoas, soffreu uma avaria na machina, quando já estava proximo de Lisboa, tendo os passageiros de fazer o resto da viagem n'uma fragata. Já é infelicidade!

Bismarck.—São pouco satisfactorias as noticias de Kinssingen relativas ao estado de saude do principe de Bismarck. As dores reumaticas accentuam-se e o dr. Schweninger não abandona um só instante o ex-chanceller. E' tal o estado do illustre enfermo, que o conde Guilherme de Bismark, filho do ex-chanceller, partiu para Kissingen na companhia da condessa sua esposa.

O exercito russo. — A lei militar que rege actualmente o *recrutamento na Russia, é de 13 de janeiro* de 1874, modificada pelo *ukase* de 26 de junho de 1888. Como já tivemos occasião de dizer, esta lei sujeita á obrigação do serviço militar toda a população masculina do Imperio, sem admittir substituição por dinheiro, nem por outrem. Antes da installação do novo regimen o serviço era de vinte e cinco annos; actualmente acha-se profundamente modificada esta disposição. Todo o homem valido, deve o seu serviço pessoal á patria, desde os 20 aos 43 annos. Como era impossivel porém sustentar seis contingentes annuaes de setecentos mil homens cada um, foi determinado que os contingentes sejam divididos em duas porções pela tiragem á sorte, devendo a primeira porção fazer serviço effectivo durante 5 annos, entrando em seguida immediatamente, na milicia onde fica inscripta durante 22 annos que cada cidadão deve de serviço á Russia. Os officiaes da reserva e da milicia são recrutados entre os voluntarios; que conforme a sua instrucção, se devidem em tres categorias, e fazem um serviço activo variavel. Os voluntarios da primeira categoria, são os que possuem uma instrucção superior e sómente servem tres mezes. Os da segunda categoria, são os de instrucção immediatamente e podem servir seis mezes. Finalmente os de terceira cathegoria, servem dois annos e compõe-se dos homens menos illustrados. Quando a nova lei produzir todo o seu effeito em todo o imperio russo, o que se dará no proximo anno de 1894, a Russia disporá de effectivos formidaveis que se elevarão á espantosa cifra de *onze a doze milhões de combatentes*. Com effeito o systema de recrutamento actualmente em vigor, deve dar á Russia, 22 classes de 675:000 homens, mais ou menos aptos para o serviço militar. Se se calcular o abatimento de 4 por cento para o primeiro anno, 3 por cento para o segundo, e 2 por cento para os seguintes, para fazer face ás doenças que impossibilitam, ás mortes, etc., encontra-se para o total das 22 classes uma massa de 11 milhões e 752:000 homens!

Verdadeiramente collossal!

Emin Pacha.— Um missionario inglez, chegado ha dias da costa oriental da Africa, declarou que é absolutamente authentica a noticia da morte de Emin Pachá O célebre explorador, segundo affirma o missionario inglez, dirigiu-se para a costa occidental, quando encontrou grande numero de arabes que lhe perguntaram:

—Para onde ides?

—Para o Congo.

Um dos arabes adiantou-se e disse-lhe:

—Reconheço-vos, sois Emin Pachá, o homem que mandou matar muitos dos nossos irmãos nas margens do lago Victoria Nyanza. Ides morrer. E puchando de um alfange, cortou de um golpe a cabesa de Emin Pachá. Apesar d'esta affirmação do missionario inglez, ainda não falta quem duvide da morte de Emin

Os bandidos; o rei da Servia.—O joven rei Alexandre da Servia, que anda visitando algumas povoações do seu reino, atravessava um desfiladeiro para se dirigir a Uschitza, quando de repente um homem armado até aos dentes saltou á estrada e postou-se diante da carruagem do rei. A escolta tratou logo de proteger o joven soberano, ao mesmo tempo que o desconhencido cahia de joelhos e exclamava:

— Meu senhor e rei! Eu sou Zumitch Dragitch, cuja cabeça está posta a preço, devendo ser pago: 580$000 a quem a entregar. Ninguem até aqui pôde ainda apoderar-se de mim, e venho offerecervos a vida, ó rei!

O rei Alexandre, desagradavelmente impressionado com a inesperada scena, declarou ao salteador que se entregasse á gendarmeria. Dragitch é o ultimo capitão de salteadores da Servia.

As mulheres advogadas.—O Supremo Tribunal do Estado de Nevada authorisou miss Laura Ulden, de Virginia City a exercer a advocacia nos tribunaes d'aquelle Estado. Miss Laura Ulden é a primeira mulher admittida no fôro do Estado da Nevada, e este Estado é o vigesimo quatro dos Estados-Uuidos que auctorisa as mulheres a exercer a advocacia.

Terrivel accidente.— Em Rotterdam succedeu ultimamente um terrivel accidente. As torres começaram a dar signal de incendio, e a multidão, a fim de se dirigir para o lugar do sinistro, apoderou se de um barco que estava amarrado ao caes. O barco, demasiado carregado, voltou-se cahindo á agua mais de cincoenta pessoas que alli se tinham agglomerado. Em consequencia da obscuridade e da confusão, apenas foi possivel salvar a alguns dos imprudentes. Da agua foram retirados quatro cadaveres agarrados uns aos outros.

Phenomenos meteoricos. — No anno 1000 seccaram em Inglaterra quasi todas as fontes e rios. Em 1022 pereceram de calor no meio dia da Europa muitos homens e animaes. Em 1303 e 1304 atravessaram-se a vau os principaes rios da Europa. Em 1646 experimentaram-se calores horriveis. Em 1718 não choveu uma só vez desde o mez de abril até o de outubro. Os thermometros marcaram 36 graus de Réaumur. Em 1811 houve extraordinarios calores; mas as colheitas de vinhos foram em geral muito abundantes, e de excellente qualidade. Em 1818 fecharam-se quasi todos os theatros por causa do calor, que chegou muitos dias seguidos a 35 graus.

DIGNO DE REGISTAR-SE

A Real Academia de Historia de Madrid, alem de nomear seu Socio Correspondente, o sr. Bispo Conde, sollicitou pora sua ex.ª reverendissima a Grand-Cruz de Izabel a Catholica. Esta solicitação foi dirigida á Rainha Regente, por intervenção do sr. Marquez de Vega e Armijo, tambem da Academia de Historia.

Até aqui, duas homenagens de bem merecido apreço, tanto mais insuspeitas por serem de estranhos, ambas consagradas a um dos ornamentos do episcopado portuguez, e uma das iniciativas mais illustradas e mais activas do nosso paiz. Agora os primores do mais fino cavalheirismo a *referendarem*,porque o digamos assim, aquellas distincções, a darem testemunho das excellencias de um caracter, que em nobreza está a par com ellas.

O sr. Marquez de Vega, communicando ao sr. Bispo Conde a noticia d'aquella mercê com que fôra agraciado, dirigiu-lhe as apreciações mais nobres e mais honrosas,—tanto mais honrosas por serem justas.—Immediatamente o sr. Bispo Conde sollicitou do sr. Presidente do Conselho, propozesse a Sua Magestade El-rei a mercê da Gran-Cruz da Senhora da Conceição para o sr. Cardeal Benavides, Arcebispo de Saragoça, e tambem socio da Academia de Historia de Madrid, o qual, além das suas virtudes e dos seus serviços á Egreja, affirmou os seus talentos, os dotes do seu espirito, e a sua muita consideração para com Portugal, no brilhante artigo que, aos 86 annos, escreveu ultimamente na *Illustração Hespanhola e Americana*, a proposito de Santa Izabel.

O sr. Presidente do Conselho attendeu immediatamente o sollicitação do sr. Bispo Conde, e no *Diario do Governo*, de segunda-feira, lia-se o despacho d'esta mercê.

Esta permutação de respeitos entre dois paizes, que se honram das suas tradicções, e que nas attenções que mutuamente se despensam, mais fazem realçar o sentimento da sua independencia,esta troca de cumprimentos verdadeiramente fidalgos, quer dizer que Portugal, pelos seus homens, mais illustres, como são os da tempera do sr. Bispo Conde sabe tratar na mesma plana os que florea n com elle n'estes torneios de gentilezas.

Lobão

Sob este titulo o nosso collega *Feirense*, de 9, escreve:

ESPANTOSO!

Está abafado o nefando crime que ha poucos dias foi commettido n'esta freguezia. Os empenhos chovem, o ouro espalha-se com profusão, as ameaças pollulam por toda o a parte, e assim, n'este turbilhão de meios empregados, parece que se vai arrastando a sombra do crime que, brevemente, ficará no olvido. E' espantoso! Revolta a consciencia mais fria, o animo mais pacato e o cynismo mais inveterado. Este miseravel quadro de decadencia moral, este horrendo espectaculo de depravação, estava guardado para esta freguezia onde sempre houve trabalhadores honrados,que mourejam o pão de cada dia de fronte alevantada e altiva, sem que a mais indelevel mancha viesse offuscar as honrosas tradicções que nos legaram os nossos maiores.

O nome d'esta já celebre freguezia ficou conspurcado com a lama da deshonra que um dos seus filhos lhe atirou á fronte. Lobão jámais se libertará da ignominia a que está exposto, se as justiças da comarca não souberem ou não quizerem punir os criminosos. O facto tornou-se tão conhecido, alastrou-se de tal modo em todo o concelho que reproduzil-o aqui é desnecessario. Além d'isso a nossa mão treme, a penna vacilla se hade estampar n'estas tiras de papel a descripção d'um crime nojento, infammante e de consequencias perigosissimas.

Os criminosos gosam o sol da liberdade e até hoje não nos consta que os tribunaes temassem conta do facto. Será a falta de indicios que a isso dá causa? Não. Será a falta de prova? Crêmos que tambem não.

Instaure se o processo; inquiram-se testemunhas que as provas apparecem. Não é a peso de ouro que ha de conseguir-se comprar todas as consciencias; não serão as ameaças nem os pedidos que corrompam todos os homens d'esta freguezia, porque ainda os ha aqui com dignidade propria. Sabêmos que logo que findem as ferias será apresentado no tribunal da comarca a respectiva queixa, assignada por todos os cidadãos independentes d'esta freguezia que pedem justiça. Esperamos recebel-a, e até lá aguardaremos os acontecimentos para depois deixarmos a nossa penna expandir-se livremente sobre o assumpto. Hoje ficamos por aqui.

O que será que o collega não explica? Sabel-o-hemos e diremos tambem sobre o facto o que fôr nosso dever dizer.

A MUTILAÇÃO DE CREANÇAS

Uma noticia que ha dias encontramos em um jornal estrangeiro ácêrca de uma exploração vilissima, que tinha sido descoberta na Croacia, e que consistia na mutilação de creanças, suggeriu-nos a idéa que então emittimos, de que essa exploração e esses costumes não eram totalmente desconhecidos em Portugal.

Pediamos ás auctoridades que meditassem um pouco no assumpto e dissémos que não nos parecia difficil reconhecer n'esses pobres aleijados, que ás dezenas se accumulam nas feiras e arraiaes, se as deformidades eram simples resultado de aborto casuaes ou de deformações artificiaes, que a malvadez de extranhos, e muitas vezes dos proprios parentes, haviam causado.

Esta idéa não era realmente resultado de considerações vagas, que a noticia a que alludimos podia perfeitamente provocar, era antes motivada pelo que tantas vezes temos ouvido repetir, que a infame industria se exerce entre nós e que realmente ha centros onde as creanças são mutiladas para as familias explorarem a caridade publica, ou para as alugarem de sua mão a *negociantes* de nova especie, que vão exhibindo os desgraçados por estradas e cidades, chorando e pedindo, com lagrimas e lamentos, que soccorram o desgraçadinho.

Affastados dos logares onde essa industria póde exercer-se, pois não acreditamos que nos grandes centros de população ella tenha a sua séde, ser-nos-hia difficil, senão impossivel, dar indicações que podessem guiar a justiça até castigar os malfeitores; mas, tanto nos impressionou o facto, tantas vezes e a tantas pessoas temos ouvido repetir que teem o convencimento de que em Portugal a industria das mutilações é um facto, que voltamos ao assumpto para ao menos deixarmos tranquilla a nossa consciencia e podermos affirmar que, se o mal existe e não fôr cortado e corrigido, não fomos dos que com o nosso silencio e com a nossa indifferença contribuimos para que a sociedade portugueza continuasse eivada de seres que a deshonram e a aviltam. N'este paiz em que tão largamente se exerce a caridade, onde não ha desgraça pequena ou grande que não veja correr a mingoal a os felizes que podem allivlar soffrimentos e destruir difficuldades; n'este paiz onde a esmola raras vezes se recusa e onde a fome encontra sempre uma sopa que a sacie, que admira encontrar a mais requintada malvadez em exploração d'essa virtude que não tem limites e que é a mais santa e a mais sublime de todas ellas?

Mas se essa exploração é um facto, se a tradicção e a lenda, já de seculos, tem na verdade fundamento, não suppômos o mal incuravel, nem o castigo impossivel, se quem póde e deve cuidar das miserias publicas, quizer prestar á humanidade e á moral um serviço relevante. Não podemos, repetimos, dizer onde se exerce a infame industria, mas se em todo o paiz as auctoridades locaes prestarem ao assumpto a attenção que deve merecer-lhes, acreditamos que o mal será debellado e o crime encontrará nas leis o correctivo de que precisa. O que resta, o que é indispensavel é que o poder central recommende aos seus delegados, porque infelizmente é preciso recommendar-lh'o, que cumpram mais este dever.

Ainda bem recentemente, n'uma das mais populares romarias que se fazem nos arredores de Lisboa, no Senhor da Serra, os aleijados, os cegos, os disformes se encontravam por dezenas, vindo alli de todos os pontos do paiz. A quem serena e placidamente examinasse todos aquelles desgraçados; quem friamente meditasse um pouco em tão grande accumulação de miserias e desgraças, teria que descrer da Providencia que fulminára tão atroz pobres e indefezos seres, ou acreditar na intervenção criminosa, infame, abjecta, de seres humanos mais ferozes e mais sanguinarios do que as proprias feras. Desejariamos, e somos talvez utopistas, que a sciencia se encarregasse um pouco de estudar esses aleijões; seria difficil reconhecer-lhe a origem, a causa de que eram triste e lamentoso effeito? Quernos parecer que não. E descoberta a natureza das deformidades, adquirido o convencimento de que realmente só a malvadez os originára, não acreditamos que houvesse duvidas em procurar os malvados,nem pensamos sequer que fosse trabalhoso o descobril-os.

Em Portugal pensa-se muito pouco n'estas questões nocivas que segundo nós são uma das bases mais seguras e mais importantes do desenvolvimento das nações. Melhorar as condicções moraes,desenvolver as forças physicas, dando-lhes orientação, é um dever que muito bem comprehenderam os poderes dirigentes dos antigos povos e que as modernas civilisações a pouco e pouco teem ido abandonando.

Debellar e destruir os malles sociaes é empreza ardua, espinhosa,muito difficil, sabemol-o bem; mas que se faça um esforço n'este sentido e acreditamos que a miseria publica, essa miseria causada pela falta de aptidão para o trabalho, essa miseria que tem por mãe a ignorancia e a ociosidade, ha de fatalmente diminuir; e quando o amor pelo trabalho estiver enraizado em todos, quando a ignorancia tiver deixado de opprimir e obscurecer as populações, queremos acreditar que os criminosos tenderão a desapparecer.

E nós não conhecemos miseria social superior a esta, que faz modo de vida da exploração da caridade publica, como não conhecemos crime mais repugnante do que o da deformação de pobres creanças, que podiam ser um dia cidadãos uteis.

Ahi fica, pois, a idéa; a nossa consciencia sente-se tranquilla por tel-a apresentado; que os poderes publicos façam o que lhes cumpre fazer. Se realmente existe entre nós a infame industria, que a justiça lhe descubra o paradeiro; se não existe, que se diga bem alto e bem claramente que não passa de lenda e de mentira o que se conta pelo paiz inteiro, e que só a fatalidade póde ser accusada d'essas disformidades, que tanta commiseração provocam e que tanta compaixão merecem.

NOVA CULTURA E NOVA INDUSTRIA

Não é novidade para ninguem que um paiz, hoje, só póde sustentar-se na luta *á outrance* que as nações trazem travada entre si no campo economico, tendo largamente desenvolvidas as suas industrias e utilisando os methodos mais bem aperfeiçoados.

A exploração simples das materias primas deixa os paizes n'um estado de inferioridade que muito os approxima dos selvagens, e não lhes permitte a realisação de emprezas de vulto. E quando a despeito do que ensina a boa razão, são levados a cabo emprehendimentos para que não havia capacidade, os resultados são fataes e d'isso temos comnosco exemplo incontestavel.

E' costume dizer-se que o nosso paiz é essencialmente agricola e não é isto tão verdade como póde parecer á primeira vista. Em todo o caso a agricultura reduzida á producção dos generos alimenticios, só em regiões feracissimas pode fornecer necessarios para satisfazer as exigencias da civilisação actual,e entre nós nenhuma região existe que possa considerar-se n'essas condições, ainda quando os processos retineiros da nossa lavoura tenham sido substituidos pelos que a sciencia moderna ensina. Por isso, em Portugal, mais até do que na maior parte das nações, é necessario tornar a agricultura rendosa por meio da industria, e n'este sentido deveriam empenhar-se os nossos povos; já orientando os seus trabalhos por forma a obter producções que pela applicação dos processos industriaes possam tomar grands valor, já introduzindo estes.

Das duas culturas importantes que tem havido, só uma, e até ha pouco só em limitadas áreas, era aproveitada industrialmente; d'ahi a grande vantagem que o agricultor tirava d'essa cultura. Demais a epoca é de luta, que não saberemos quando terminará e que obriga todos os povos a habilitarem-se com todos os recursos que lhes são necessarios. Portugal com as suas colonias possue para isso magnificos elementos, o que falta é aproveital-os.

Não nos referiremos agora ás muitas industrias que poderiam utilisar os elementos já existentes e aclimatados nem a muitas das producções que conviria aclimatar; limitamo-nos a dar conta de uma descoberta importante que permitte obter o cautchouc nos paizes da Europa aproveitando uma planta que quasi não precisa cultura e que se dá em terrenos dos mais aridos.

*

Do valor do producto é escusado falar: ninguem o desconhece, podendo dizer-se que póde avallar-se da importancia industrial de um paiz pela quantidade de cauthouc que consome. A quantidade de caoutchouc que hoje se gasta é extraordinaria e muito maior será quando maior applicação tiver a electricidade para a qual o caoutchouc é um producto indispensavel. Eram muitos os vegetaes conhecidos como produzindo esta substancia na Sunda, Cochinchina, Madagascar, na Africa equitorial, no Congo, em toda a America de Sul, especialmente no Brazil e na Guyana. Ultimamente, porém, descobriu-se o caoutchouc n'uma planta muito vulgar que nasce nos logares mais aridos, o *sonchus obraceus*, vulgarmente conhecida pelo nome de *sarrada*.

A extracção faz-se facilmente tratando a planta pelo sulfureto de carbone e fervendo em agua o residuo da operação. A parte insoluvel, caoutchouc bruto, é em seguida aquecida com potassa e lavada muitas vezes com agua quente; d'esta maneira são eliminadas as materias gordas, cerosas e a chlorophilla. Vão fazer-se experiencias para verificar se póde tirar-se o mesmo producto das alfaces, enphorbiaceas, e outras plantas analogas, o que é muito de esperar.

A's escolas agricolas compete estudar o assumpto, verificar a facilidade da cultura e o rendimento do producto para reconhecer se effectivamente convem, como parece, introduzir esta nova cultura e industria correlativa. A produzir milho e trigo ou centeio é que o nosso proprietario não sae, como vulgarmente se diz, da cepa torta, permitta-se-nos a expressão.

CARTA DE GOES

7 DE SETEMBRO DE 1893.

AINDA O CHICO RELES

O actual administrador substituto d'este concelho para honra dos regeneradores interessados, anda furioso; e não se lhe veste collete, dos apropriados, que o contenha no caminho vertiginoso que prosegue, com o applauso mutuo do rapazio da localidade.

Repetimos em toda a parte, porque somos amigos pessoaes de muitos regeneradores, que é enorme a cegueira que os atormenta, insistindo em conservar em Goes um administrador substituto, mas sempre em exercicio; que não é mais do que um irrascivel e faccioso, que atropella tudo, tudo desrespeita, sendo a gritaria e o insulto os seus dotes principaes.

Concebe-se que o sr. Chico Ignacio fosse um regenerador convicto, por qualquer razão que nem caberia aqui bem apreciar. Que escrevesse, fallasse e defendesse o seu partido em linguagem até mesmo vehemente, audaz e atrevida, porque tudo isso está nos seus habitos, visto como teve e tem por expositores vivos, um José Pipo, um Custodio Dias Guerreiro, um Francisco Gonçalves Boqueiro e outros cavalheiros de egual volume e procedencia.

O que porém se extranha e indigna é a sua habitual desfaçatez em mostrar em publico, em proza petulante e audaz, que não tem senso; e que é apenas um instrumento afinado por diapasão de timbre salcio.

O que vou relatar-lhe prova o que acabo de dizer.

Na sessão camararia de sabbado dous do corrente, aquelle Reles abusando, como sempre, da condescendencia illimitada, mas menos conforme, da maioria da camara, que tem supportado, sem reparo importante, as palavras provocadoras e improprias d'um funccionario administrativo. N'aquelle dia, pois, por uma causa qualquer, a paciencia esgotara-se; e quando o beldroegas pediu a palavra para felicitar a camara, pela approvação na Commissão Districtal, do augmento de 7 0|0 que ella lançara a mais no orçamento para 1894, a camara conheceu a ironia da manifestação, deu com o pé n'aquella rethorica de momento, que lembrava o tempo da administração do sr. Manuel Ramos e da sua *troupe* que, quando maioria da camara esbanjou á larga, gratificou os seus amigos com obras desnecessarias ao publico, de que resultou ficar o cofre tão pobresinho, que não legou aos seus adversarios em que entra a camara actual, um real unico com que podesse ella occorrer a qualquer despeza eventual, que sempre as ha, em pontes e fontes, nas freguezias ruraes do concelho! Bem sabia isto o novo Berthold do administrativo. Era para elle materia corrente que no orçamento não fôra incluida verba alguma de despeza, que não tivesse o caracter de obrigatoria, e que a receita orçada e provavel não era sufficiente para cobril a. O que restava á camara? Elevar a contribuição com mais aquelles 7 0|0; *isto é, com apenas o indispensavel para* cobrir a despeza, fazendo subir depois a proposta d'augmento á estação superior, para que ella indicasse quaes os meios, por ventura desconhecidos para a camara, de que teria de lançar mão, para o equilibrio orçamental.

E sabe v., sr. redactor, qual foi a deliberação da illustre commissão districtal, com cujo parecer o tal administrador blasonava que seria fatal para a camara? Foi a de prestar a sua approvação ao augmento da contribuição que mal chegaria para complemento a mais feliz das mulheres, porque me caso com um homem exemplar; porem para que seja completa a minha ventura, desejava que v. ex.ª fosse minha madrinh.—*Angela*».

A duqueza respondeu-lhe n'esse mesmo dia, dizendo-lhe:

«Minha filha: agradeço o favor com que me distingues: acceito-o desde já e acredito que serás muito feliz. O coronel é um excellente homem.—Tua sempre—*Martha de Lucena*».

Esta carta era acompanhada de um lindo estojo contendo um magnifico adereço de brilhantes e uma pulseira de ouro. Angela ficou louca de alegria, e correu a mostrar a Raphael aquellas joias, principios da sua felicidade.

Chegou a noite e com ella esses doces e vagos sonhos em que uma alma enamorada sente os harmoniosos eccos de um porvir venturoso. Angela sonhou muito. Carlos Perales teve tambem talvez esses sonhos que depois a lua de mel converte em realidade.

(*Continua.*)

---

147 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XVI PARTE

O SEGUNDO AMOR

V

TRAMITES DO CASAMENTO

Carlos dirigiu-se directamente a casa do conde de Palmier.

Quando chegou, estava o conde no seu escriptorio. Carlos cumprimentou-o affectuosamente e aquelle disse-lhe:

— A que devo a honra da sua visita, meu amigo?

— Venho pedir uma coisa a v. ex.ª.

— Saibamos.

— Caso-me.

O conde sorriu-se com affabilidade e exclamou:

— E breve?

— Quanto antes. E já que essa phrase me dispensa de contar a v. ex.ª os meus amores com a irmã de David, limitar-me-hei a expôr a minha petição.

— Ouvil-a-hei com muito prazer.

— Desejo que v. ex.ª me acompanhe a pedir a mão de Angela e que acceite este convite com caracter de padrinho.

— Acceito com todo o gosto o titulo que me concede, e estou ás suas ordens.

— Sentiria roubar-lhe um tempo que está talvez destinado para outros afazeres.

— Nenhum tão urgente nem tão grato como o de obsequiar um bom amigo: dá-me licença que me vista? Não levarei muito tempo.

Dez minutos depois o conde apresentou-se completamente transformado.

— Esperou muito?—disse elle.

— Quasi nada.

Em seguida aproximou-se de uma mesa e tocou uma campainha.

— Está posta a carruagem?—perguntou ao criado que entrou.

E como n'aquelle instante se ouviu rodar um trem, accrescentou:

— E' desnecessario responder: já a ouvi.

Pouco depois dirigiram-se a casa de Raphael David. O joven musico recebeu-os no escriptorio. A conversação versou sobre diversos assumptos, todos agradaveis, e o coronel, por ultimo, o trouxe ao verdadeiro terreno, dizendo-lhe:

— Raphael, sou rico e desejo pedir a minha demissão para viver longe dos azares de guerra. Provavelmente irei estabelecer-me na minha terra natal, em Adra. Tenho alli todas as lembranças da minha e quasi todos os entes que me estimaram sinceramente até hoje. Só me falta uma companheira que amenise os momentos da minha vida, que partilhe commigo da minha fortuna, e que me offereça as alegrias que não disfructei até agora.

— Nada mais justo—disse David.

— E por certo que a joven em questão nunca se arrependerá—disse o conde—porque são conhecidas as boas qualidades e altas prendas que adornam o coronel.

— Conde!... conde!

— E' exacto—disse Raphael.

— Se alguma virtude possuo, de hoje avante será inspirada pela menina que escolhi para minha esposa.

— Ah!—disse David.

— Creio que o momento da escolha chegou finalmente—accrescentou o conde.

— E tanto assim que é esse o unico objecto da nossa visita.

Raphael ficou admirado.

— O amor que consagro a Angela—disse o coronel—não lhe é estranho, decerto.

— Bem sabe que consenti com gosto n'essas relações.

— Pois bem, chegou o momento decisivo, e acompanhado do illustre conde de Palmier, que será meu padrinho, venho pedir-lhe a mão de sua irmã.

— Obrigado, meu amigo — disse David, estendendo-lhe a mão — agradeço muito a distincção e a amisade que lhe merecemos e acceito pela minha parte; porém é necessario que tenha a amabilidade de esperar até que eu consulte minha irmã. O coronel tirou do bolso uma carta e entregou-a a Raphael. Este viu a assignatura. Era de Angela. Em seguida leu:

«Póde fallar a meu irmão quando quizer, porque accedo a tudo e por tudo aos seus desejos. A minha mão e o meu coração pertencem-lhe».

O musico dobrou a carta sorrindo e accrescentou alegremente, meneando a cabeça com modo significativo:

— Então que querem que eu faça? Marque o dia que lhe lhe aprouver e conte-me desde já o numero de seus irmãos.

— Com todo o gosto, Raphael.

Depois abraçaram-se ternamente.

— Raphael—disse Carlos—desejo que o enlace se verifique quanto antes, porque me fatiga a vida da côrte.

— Não creio que a queira abandonar, ainda que o casamento se faça ámanhã, se fôr possivel, sem assistir á estreia da minha opera.

— Decerto que não; e tanto assim é que se Angela e eu nos fossemos agora, viriamos de proposito para vel-a. Não se renuncia tão facilmente a admirar uma obra gigante, e muito principalmente quando essa obra é d'um irmão.

— Obrigado, coronel.

O conde, terminada a entrevista, pediu a Raphael que tocasse alguma coisa no piano.

O joven musico conduziu-os á sala, chamou Angela, e participou-lhe os desejos do coronel.

Depois, David tocou algumas inspirações improvisadas, Angela tangeu a harpa, o conde amenisou a reunião com alguns ditos de espirito, como era de esperar da finura do seu trato e amabilidade. Na despedida, Angela enviou um sorriso ao coronel.

David, acompanhando-o até á escada, apertou a mão ao coronel, que lhe disse:

— Creio estar tudo decidido?

— Tudo.

— Não se esquecerá, não?

— Póde marcar o dia que quizer.

— Adeus.

— Adeus.

N'aquelle mesmo dia Angela beijou seu irmão, disse que era muito feliz, porque amava vehementemente a Carlos Perales, e escreveu a seguinte carta á duqueza de X...

«Amavel duqueza: Sou n'este mo-

to da receita precisa para o effectivo pagamento das despezas correntes. Para complemento demonstrativo do seu injustificado furor, propoz em seguida á camara que allugasse ou fizesse uma casa barraca para matadouro das carnes verdes, porque não podia consentir que os fornecedores fizessem o abatimento das rezes em plena rua, como agora acontecia. Veja v. e o publico que proposta, que proponente e que fiscal da lei! Em vez de ser elle o proprio que devia obrigar o marchante ao cumprimento das suas obrigações contrahidas especialmente com a camara e em geral com os regulamentos de administração publica, vae propor á camara o aluguer ou construcção d'uma casa para o matadouro, sabendo em demasia, que tal verba não figurava no orçamento! Pois a presidencia, sempre em termos urbanos e cortezes, respondeu que a camara não podia receber bem a proposta do sr. administrador. Que já tinha providenciado a fim de cohibir o abuso da parte do marchante. Que não só não estava authorisada tal despeza, nem elle presidente a proporia; visto ser á pessoa do marchante que cumpria arranjar legalmente local para abater as rezes; e que não recebendo a camara provento algum da carne vendida ao publico por não ter sido collectada, em attenção á insufficiencia do consumo, não devia onerar o municipio em despeza de tal ordem e procedencia.

Por esta occasião entram dous meninos. Um, filho do sr. Manuel Nogueira Ramos, administrador effectivo e outro sobrinho do mesmo; e por conseguinte, um primo e um irmão do administrador substituto, sempre em exercicio. E' tudo da mesma grey e com identico proposito. Verificada e classificada de brutal a entrada dos dous magnates, o illustre Mario, assesta o seu olhar, multiplo de dous, na presidencia, e o seu companheiro Annibal identificando-se com o caro primo, imita-o, depois de cobrirem com os respectivos chapeus não as faces que já não coram por deslavadas, mas o rosto e labios d'onde transluzia o habitual rizo alvar, proprio da illustre progenie, malicioso, provocador, petulante e malcreado, ao qual o digno presidente da camara correspondeu com a intimação de que *se não estivessem alli em termos e com apparencias convenientes, os mandaria pôr na rua;* castigava por esta fórma a presença inconveniente, menos séria e grave, ao mesmo tempo que mantinha a dignidade do logar que occupava. A esta notificação, alliás justissima, propria e adquada ao local, onde a presidencia, e só a presidencia, tem de manter não só a ordem, mas o aspecto sério e grave com que teem de assistir, e podem assistir ás sessões quaesquer pessoas, correspondeu a habitual imprudencia, provocação, injustificada *pose* e má educação do atrabiliario administrador substituto, que por esta forma, menos digna e correcta, pretendia impedir que a presidencia se mantivesse á altura do seu logar, taxando de inconvenientes as palavras do sr. presidente da camara e continuando por tal forma que o Reles chegou a desafial-o para a rua, como fazem habitualmente os garotos.

N'esta altura o sr. presidente, attendendo a que não devia continuar aberta a sessão, suspendeu-a por vinte minutos. N'este periodo, a não serem os bons officios do digno prior Pinto e outras pessoas, as cousas tomariam um caracter gravissimo, difficil de calcular.

Durante os vinte minutos acudiu muita gente, a presenciar aquelle espectaculo, em que figurava principalmente, com a sua vozeria, o inexperiente e irrascivel creançola. Dada a hora, o digno presidente reabriu a sessão, antes do que o zanaga pediu novamente a palavra, de que não poude uzar, por ser immediatamente encerrada a sessão, que foi realmente um novo acto de prudencia de toda a maioria da camara.

Ora ahi fica, sr. redactor, á apreciação de v. e do publico, o que é, o que vale e o que o partido regenerador tem a esperar do seu confidente em Goes, que vive apenas com estes destemperos, que nem o proprio José Pipo nem o valente Guerreiro se atreveriam a praticar n'aquelle logar.

O digno presidente da camara, acompanhado de um dos vereadores presentes, sairam immediatamente para Coimbra. E' de crer que fossem expor ao digno chefe do districto o insolitô procedimento do seu delegado de confiança. Conta-nos que s. ex.ª os recebera com aquella cortezia e urbanidade que lhe são naturaes, parecendo que s. ex.ª chamára pelo telegrapho aquelle funccionario, para os fins convenientes.

Effectivamente, no dia immediato, vimos que elle passava na diligencia do correio, e que voltou no dia seguinte, como a quem doía alguma cousa em virtude do manifesto abatimento do seu orgulho e vaidade.

Bem haja, pois, o sr. conselheiro Neves e Souza, se é que aproveitou a ida a Coimbra d'aquelle funccionario, para o admoestar; mesmo com aquelle modo fidalgo com que s. ex.ª sabe e costuma corrigir verbalmente os seus subordinados.

Vae já longa esta narrativa do que peço desculpa a v. de quem sou com especial dedicação

Amigo muito agradecido
O Xara.

CARTA DA BAIRRADA

9 DE SETEMBRO EE 1893.

No mui conceituado *Jornal d'Anadia*, de domingo ultimo, lê-se a seguinte local, sob a epigraphe de:

«*Medida de sanidade.*—A pedido da camara municipal d'este concelho foi prohibida á Companhia Real dos caminhos de ferro a descarga do mexoalho na estação de Mogofores.»

Isto publicou-se no domingo, mas parece haver uma errata na local inserta. Lê-se—foi prohibido—em logar de—não foi prohibido—porque se o tivesse sido a Companhia, á testa de cuja gerencia está um cavalheiro respeitabilissimo, o sr. Espregueira, digno director geral, não consentiria que na segunda-feira, 4, viessem quatro wagons carregados d'aquelle pestilento *adubo*, dois que ficaram em Oliveira, e dois em Mogofores, fazendo parte do comboio que chega a Mogofores ás 11 horas e meia da manhã, deixando na sua passagem, pelas povoações, um fétido estonteador; e sendo carregados nas Devezas no sabbado, 2, alli estiveram expostos ao sol até serem expedidos para aqui no dia 4, sendo descarregados hontem mui pachorrentemente! Sabemos que o digno administrador d'Anadia tem empregado os meios para obstar ao abuso, mas... são ordens, dizem os empregados da Companhia, que soffrem, pois a necessidade lhes veda o queixarem-se.

Pedimos providencias ao sr. governador civil d'este districto. F.

SECÇÃO LITTERARIA

O ULTIMO BEIJO DE MÃE

Quedou-se, de pé, hirta, o braço esquerdo ao longo da coxa, a mão direita sustendo o lenço humido, apoiado na borda do caixão, o cabello deslocado e um pouco cahido para traz, mostrando o arfar febril do peito branco e magro. Esteve assim trez minutos talvez; immovel, como se uma corrente magnetica a dominasse, alheia, absorta, esquecida. Subito, porém, o seu olhar dolente começou de toldar-se por um veu humido e brilhante, o thorax, começou por levantar brutalmente o seio, a bocca abriu-se como no perigo de uma suffocação imminente, os joelhos vergaram-se-lhe, e ao tempo em que as lagrimas, soltas de novo, oscillavam e cahiam das pestanas semi-cerradas, ella cahia, sobre os joelhos, apertando a cabeça entre as mãos, rojando a face pela lagea fria da capella.

Então, como se uma ebullição interior se tornasse patente, o corpo começou a arquear-se na expulsão d'uns soluços cavos e profundos, que pareciam percorrel-o, como os jactos de vapor impellidos pelo embolo da locomotiva. Os ultimos vapores da noite começavam a elevar-se lentamente dos velles batidos por um fraco nordeste, que sacudia as perolas brancas da folhagem das oliveiras. Aqui e além ouvia-se o som entermittente do chocalho campetre d'um guia de rebanho.

Emmudeciam, por grãos, os ribeiros e as correntes; os ápices negros dos montes perdiam as vagas figurações phantasticas e appareciam na luz crescente, como enormes capacetes de prata, esquecidos por titans. D'entre a relva orvalhada, as cotovias saltavam encastellando, soltando as notas crysallinas do seu canto, alegre como a alvorada de maio e terno como um beijo de nupcias.

Para o oriente um resplendor enorme de cores rubras, deluidas n'um branco mate, elevou-se lentamente, enrubestecendo as aguas e os montes.

Os passaros sacudiam entre as folhagens as azas humidas do orvalho da noite, e enseiavam cantos.

A manhã approximava-se: o dia alegre, apparecia, cheio de luz, e de amor, de cantos e de orvalhos do ceu. No entanto, a mãe quedava-se como morta ao sopé do cadaver. O frio intenso despertou-se. Elevou primeiro a cabeça, depois, aos poucos o corpo. A luz clara entrava pelas duas janellas esguias e fazia esmorecer as luzes dos tocheiros, emquanto tornavam mais nitida a pallidez do crucificado. Concertou o chale sobre o peito e limpou apressadamente o rosto.

N'isto, o marido apareceu á porta, pallido e perturbabado.

Ella, que ia beijar o filho sustevese, como receosa, como ficaria uma creança apanhada em flagrante delicto de transgressão de ordem paterna, e olhou perpelexa...

—Então, disse elle aproximando-se, queres matar-te?

Ella cahiu-lhe nos braços.

Elle apertou-a contra o peito e, mal sustendo as lagrimas, beijava-a na testa, dizendo, com a voz velada:

— Então! Deus não quer que tenhamos filhos, que se ha-de fazer?

Ella debulhava-se em lagrimas; e como elle a fosse arrastando mansamente para a porta susteve-o:

—Não, não, Manuel, deixa-me beijal-o..... é a ultima vez, é o ultimo beijo.

O marido retinha-a:

—Não o beijaste ainda? isto faz-te mal; desde quando estás aqui?

— Ha pouco vim; mas deixa-me beijal-o, um beijo só e sahirei...

E libertando-se dos braços do marido, cambaleante, tremula, pallida, como se sahira d'um tumulo, abeirou-se do filho e apoiou os braços em cruz nas bordas do caixão

Como se olhasse um abysmo, fitou-lhe o rosto. Depois curvou-se insensivelmente, respirando afflita, a fazer ondear com o bafo os cabellos do morto.

A sua cabeça desceu...desceu... lentamente: o olhar esmorecido fitava-se com insistencia no morto, approxima-se, meigo, indiscriptivel, a esmorecer n'um cansaço ultimo d'um ultimo desejo.

O corpo vergou-se de todo, os braços affrouxaram, collou os labios aos labios do filho e quedou-se.

—Vem, vem, aconcelhou cheio de dôr o marido, levantando-lhe a cabeça.

Mas a cabeça cahiu novamente!

*

N'isto, o sol rompera o horisonte, illuminando jardins e serranias.

Por junto aos ninhos, animadas pelo calor do sol, as aves cantavam, docemente, essas canções que só as mães sabem cantar junto ao berço dos filhos.

A natureza illuminava e enchia de cantos a estrada por onde, a essa hora a alma da mãe subia, buscando os carinhos do filho.

Marcelino de Mesquita.

UMA HISTORIA TRISTE

O cãosinho chamava-se *Mercurio*, e pertencia á viuva de um millionario. A dona não via outra cousa. Muita gente duvidava que houvesse tido tantas ternuras para o defunto marido. Um rapaz, com bossa para a poesia, enamorara-se da viuva, Começou a formar castellos no ar, a ter verdadeiros sonhos de ouro mas... o seu terrivel rival—*Mercurio*—inutilisava-lhe os esforços.

O cãosito era arisco e enfadonho pelo seu constante ladrar, mas quando lhe dava para a mansidão tornava-se insupportavel, porque começava a lember as mãos, a esfregar-se pelo fato das visitas da dona, e a encher tudo de pellos brancos. De longe, ladrava de um modo tão secco e repetido, que atacava os nervos de quem o ouvia. E todavia, a viuvinha encontrava tanta graça aos furores como ás lambedellas do seu *tótó*.

O rapaz, o poeta, assim lhes poderemos chamar, era timido, modesto e, sobre tudo, muito paciente e resignado. Dizia bem de todos e tinha summo prazer de me fazer um obsequio ou uma obra de caridade. Contava com um sorriso de indulgencia e desculpa os desaires e humilhações que lhe fizeram soffrer os ricos a quem se atreveu a pedir proteção n'alguns dos seus momentos criticos. Por isso pediu poucas vezes, e um dia resolveu nunca mais pedir. N'esse dia, longe de estar irado, ouviram-lhe dizer varias vezes:

— Pobres ricos!...

A sua alma christã condoia-se pelo futuro de além-campa que espera muitos ou quasi todos esses poderosos da terra. Era de ver, todos os dias, sua ex.ª o sr. *D. Mercurio* pavoneando-se no *landau*, ao lado da dona, por essa cidade fóra. Quando lhe apetecia descer do trem, um lacaio agaloado apressava-se a recebel-o nos braços e a pôl-o cuidadosamente no chão, seguindo os seus passos.

O pobre poeta era sempre encontrado, por essas ruas de Deus, preoccupado como um homem que não espera uma palavra de amor, uma phrase affectuosa, um cumprimento de quem quer que seja.

Caminhava... caminhava... Era o judeu errante da esperança. Ia do theatro a casa do editor, e d'esta á redacção de um jornal, onde apenas ganhava para se alimentar mal e vestir peior. Antes, porém, passava por debaixo das janellas da viuva, que o olhava com indifferença. No dia seguinte, acabrunhado com as decepções da vespera e com as insomnias da miseria e do trabalho, seguia a sua peregrinação. O seu aspecto de homem faminto e o seu fato de côr duvidosa, faziam com que muitos porteiros e criados lhe embargassem o passo, quando procurava alguem. Era inverno, e nem sequer tinha um sobretudo para se livrar dos rigores do frio.

A viuvinha herdára uma rica cobertura para o seu *Mercurio*. Era de seda azul celeste, estofada por dentro, não lhe faltando monogramma a ouro e arabesco de fino gosto. Todos paravam a vel-o, com o seu sobretudo, como lhe chamava a dona. Apesar da intensidade do frio, se algum risco corria era-o de morrer *abafado*.

Na madrugada de um dia de janeiro, o poeta passava por debaixo das janellas da mulher que adorava. O thermometro descera consideravelmente. O seu facto de verão, que tanto se lhe podia chamar castanho, como verde, preto ou amarello, os buracos dos cotovellos e os ventilladores que lhe arejavam mais do que hygienicamente a parte que fica inferior aos illiacos, faziam-n'o tiritar tossindo, e dando fortes pancadas no chão com os pés, que o ceu dizia ir em calçados, em contradicção do que a terra affirmava. Mettia dó. Dó... mas a quem?

Aos que o encotravam, e que receiavam chegar um dia áquella penuria. Os ricos, que voltavam das casas de jogo, ou das alcovas extradomesticas, nem sequer davam por elle.

— Só os que soffriam lhe avaliavam as penas. N'esse dia o poeta não tinha dinheiro para comer.

Horas depois despertava a viuva, e chamando uma criada determinava o *menu* do almoço de *Mercurio* porque o animalzinho andava com fastio, magro, abatido, e era preciso variar-lhe a comida, a ver se o appetite voltava. A cosinheira já tinha percorrido toda a qualidade de pasteis; era preciso mandar buscar alguns de recente invenção. N'esse dia o comprador levou, só para fornecer *a meza do totó*, uma nota de 10:000 reis.

—Compre tudo, Manuel, tudo quanto veja que o pobre cão pode apetecer!

Durante o mez, muitas vezes se ouvia dizer ao poeta—«Hoje é dia de jejum. Amanhã talvez comerei alguma coisa». E quando essas refeições chegavam, raras vezes o pão deixava de ser negro como o basalto, e o queijo duro como o granito. Total da despeza...um pataco.

Tudo acaba n'este mundo.

Mercurio arrebentou um dia com uma indigestão de pasteis comprados no Ferrari. Que pena! A viuvinha quasi que o ia seguindo á cova. Podem crer que chorou lagrimas sinceras, como não as vertera pela morte do marido. No fundo do jardim mandou levantar um mausoleu de marmore, com gradeamento de bronze, mandandolhe plantar ao lado um lugubre chorão.

Um sujeito frequentador da casa deu a noticia nos jornaes e escreveu o epitaphio para o tumulo.

Dias depois a policia encontrou nos arredores da cidade o cadaver de um homem, cujo aspecto denunciava extrema pobreza. Procedendo-se ás competentes averiguações, soube-se que era o infeliz poeta, cujo talento só lhe serviu para aggravar as suas pennas. Ficára orphão aos doze annos. Escasseando-lhe as forças physicas para trabalhar, mas esperançado no seu talento, veiu para a capital em demanda de uma occupação que lhe permittisse trabalhar e estudar. Suppoz-se primeiro que era um suicida, mas os medicos que o autopsiaram disseram que morrera de fome! Um visinho, ahe fóra á casa mortuaria attrahido pela curioside, exclamou ao vel-o:

—Pobre rapaz! Tinha habilidade... mas levava uma vida de cão.

Vida de cão!

Não desejaria ter tido outra vida!

Quando o enterro do poeta passava para o cemiterio, pela rua da viuva, esta vendo-o retirou-se saluçando... Aquelle enterro recordou-lhe a perda do seu *Mercurio*.

A. Z. A.

IMMENSIDADE UNIVERSAL

(FRAGMENTO)

A distancia a que estão da Terra os mundos que nos rodeiam, ultrapassa o que poderia imaginar a mais poderosa phantasia. Partindo do sol, que, comparativamente ás outras estrellas, está muito proximo de nós, —ainda que a uma distancia de 35 milhões de leguas,—uma balla de canhão, animada por uma velocidade de 500 metros por segundo, levaria cerca de 10 annos para chegar ao nosso planeta. Semelhante distancia parece já enorme, e comtudo nada é em relação d'aquellas a que se encontram as estrellas, esses soes que enchem o espaço. A luz, que percorre 77:000 leguas por segundo, gasta 8 minutos para chegar do sol até nós, emquanto que do mais proximo dos outros artros leva 3 annos. A luz da estrella polar chega-nos ao fim de 50 annos; a das estrellas de 14.ª grandeza, em 100:000 annos; finalmente, a de certas nubelosas, gasta, segundo os calculos de Arago, cerca de 5.000.000 de annos! Se, por effeito de uma grande catastrophe, todas as estrellas se apagassem, continuariamos pelo espaço de muitos annos a vel-as brilhar com o mesmo explendor. As ondas luminosas que a nossa vista recebe de um astro, não são as que elle emitte no momento em que o contemplamos. Se tivessemos telescopios bastantes para vêr o que se passa á superficie dos satellites das estrellas, cuja luz gasta 1:000 annos a chegar até nós, não veriamos o que se passa lá hoje, mas o que ha dez seculos se estava passando. Um astronomo d'esses mundos longinquos, que lograsse contemplar o nosso globo, não veria os habitantes e as suas povoações como são hoje, mas como eram ha 1.000 annos, isto é, um pouco depois da denominação do imperador Carlos Magno. O que elle veria, era os nossos antepassados, ha tanto tempo mortos, os seus gestos e os monumentos d'essas epocas afastadissimas!

Dr. Gustave Le Bon.

BIBLIOGRAPHIA

Singularidades e excentricidades.—O illustre advogado e professor do lyceu de Lamego, sr. dr. B. A. Barata, obsequiou-nos com a offerta do 4.º volume da sua magnifica *Collecção de singularidades e excentricidades, ou continuação do diccionario de anedotas e muitas coisas mais*, obra na verdade recommendavel pelo seu genero espirituoso e faceto, onde a mais fina verbe se allia á graça mais palpitante, e onde se encontram verdadeiras preciosidades em anedotas, com ditos, poesias lindissimas e outras coisas de gosto e de valor. E', pois, por todos os titulos uma collecção muito apreciavel, mas d'ella, infelizmente, só recebemos este fasciculo, que ainda assim agradecemos muito. Qualquer pedido deve ser feito ao seu illustrado auctor, na cidade de Lamego.

Archivo Bibliographico.—A Empreza promotora de leilões de livrarias, de que é digno gerente o acreditado sollicitador, o sr. F. A. de Miranda e Souza, com escriptorio na rua da Magdalena, 166, em Lisboa, acaba de publicar o n.º 2 d'este apreciavel folheto, que é um verdadeiro catalogo de livros raros e bons, e que o mesmo sr. Miranda e Souza enviará gratuitamente a quem quizer escolher algumas das muitas obras que alli se encontram.

Manual do Carpinteiro e Marceneiro.—Vae já no fasciculo n.º 15, esta magnifica publicação, util não só á classe artistica, mas a todos indistinctamente. Os acreditados editores, srs. Guillard, Aillaud & C.ª, com filial na rua Aurea, em Lisboa, estão prestando um bom serviço ás artes com esta bella publicação, que demais a mais está pela sua barateza ao alcance de todas as bolsas. Agora recebemos o novo fasciculo, o ultimo d'este volume, a que acompanha um mappa de pezos e medidas muito util a todos.

Tambem com o titulo de *Tachygraphias*, acabam os mesmos infatigaveis editores de enviar-nos um novo livro do sr. J. Fraga Pery de Linde, tachygrapho da camara dos pares e professor de tachygraphia em alguns dos principaes collegios da capital, em que se trata especialmente da ligação dos signaes tachygraphicos, demonstrada em quatro estampas. O novo livro do sr. Pery de Linde vem completar assim as suas *Noções Praticas de Tachygraphia*, ha pouco publicadas e que já estão na sua segunda edição, que lamentamos não possuir tambem. Os estudantes devem aproveitar as ferias dedicando algumas horas á leitura d'estes livros, que lhes darão o utilissimo conhecimento da arte tachygraphica, tão conveniente para nas aulas poderem tomar na integra os apontamentos dos professores. O *Caderno Auxiliar* custa apenas 200 réis e acha-se á venda em Lisboa, em casa dos editores, rua Aurea, 242, 1.º, bem como em todas as livrarias.

Biblia Sagrada Illustrada.—Mais 10 fasciculos, com preciosas s formosissimas gravuras, veem enriquecer o já notavel 2.º volume d'esta munomental publicação, que contém o velho e novo *Testamento*, segundo a vulgata ou versão latina, traduzida pelo illustre homem de sciencia, o sr. padre Antonio Ferreira de Figueiredo, reimpressa conforme a edição existente na Bibliotheca Municipal do Porto, e acompanhada do texto latino, por onde foi feita. De encarecimentos não precisa a obra, que só de per si tanto e tanto vale. E n todo o caso devemos prevenir os leitores de que devem fazer breve a acquisição d'ella, para depois não terem que arrepender-se por irem tarde.

Os gatos.—A importante *Livraria Academica*, propriedade do sr. F. Chagas, e existente na rua Aurea, n.º 69, em Lisboa, principiou a publicação dos *Gatos* do esclarecido escriptor e eminente critico, sr. Fialho d'Almeida, fazendo verdadeira revolução o apparecimento d'esta nova serie. Como tudo o que sáe d'aquella casa, e da penna do illustre publicista, os *Gatos* hão-de encontrar decerto uma larga voga no paiz, nem para outra coisa é o seu valor litterario. Recommendamol-o aos leitores, e para avaliarem do seu merecimento, publicamos em seguida o summario do n.º presente, que é o seguinte:—Monumento a Silva Porto e opiniões sobre o local onde assental-o.—A avenida marginal do Tejo e os navegadores; plano d'uma galeria de heroes ao longo do rio.—Os Contemporaneos e seus monumentos.—Anthero do Quental, Cezario Verde, Camillo, Roza pae e Manuela Rey.—Para que serve um monumento grande.—O «cavalheiro» de Bassini dá em Lisboa lições de musica.—Os seus cartões de visita.—De como o conselho de ministros reuniu para lhe fazer amputar o instrumento.—De Bassini atravez da epistolographia paralella.—Liga dos alferes para pernoitar ou vicissitudes d'um professor de musica careiro.—Exposição industrial na galeria dos Jeronymos: as escolas industriaes, nullidade da sua influencia na officina.—Dizem-se as causas.—Falta d'assiduidade na frequencia escolar; reformas contraproducentes; professorado mau e inspectorias grotescas e incapazes.—Nacionalisação do ensino e missão do inspector das escolas industriaes.—O sr. Luciano Cordeiro, sapateiro critico sem corda.—A exposição das rendeiras de Peniche.—D. Maria Bordallo e sua influencia na moderna renda a bilros.—Conclusão.

Da *Historia dos Papas*, de que está fazendo uma bella obra o incansavel editor lisbonense, sr. Joaquim Gonçalves Pereira, da rua dos Douradores, 21, 1.º, temos presente o novo fasciculo n.º 6, que a vem adeantar immenso, e que, como todos os outros, traz umas bellas gravuras, nitidamente impressas. A *Historia dos Papas* é devida á penna de Mauricio La Chatre, e como todas as edições do sr. Gonçalves Pereira, é simplesmente admiravel. Quem ler o primeiro fasciculo não resistirá á tentação de ir até ao fim, e isso custar-lhe-ha uma insignificancia, pois que o seu preço é pequenissimo, emquanto o seu valor é muito.

As Ordens Religiosas e as Missões Ultramarinas, é o titulo d'um volume que temos sobre a banca, e que na verdade merece ser lido por todos, pois nos dá vastissimos conhecimentos da maior utilidade, que se tornava necessario chegarem a toda a parte para se apreciar com justeza os bons serviços prestados lá fóra pelo catholicismo. E' um livro digno de ler-se e de obter-se, e que recommendamos por isso a todos os nossos leitores. Não abundam muito no mercado as obras d'este valor. E se não, experimentem. E' seu auctor o sr. dr. Quirino Avelino de Jesus, e encontra-se á venda na casa Catholica, rua Augusta, 180 a 182, Lisboa.

Associação Commercial de Lisboa. Temos presente tambem a notavel representação que a Associação Commercial de Lisboa, enviou á camara dos dignos pares em junho do corrente anno, n'um elegante folheto de que se fez já 2.ª edição, e que é um documento de alta valia, e digno de ser emitado por todas as associações commerciaes do paiz. E' um eloquente protesto contra as medidas de fazenda, e muito aproveitaria ás associações commerciaes portuguezas fazerem outros eguaes. A de Lisboa honra-se assim pugnando pelos interesses do paiz. As restantes deveriam fazer o mesmo. Ainda não é tarde para isso, e o exemplo é realmente digno de emitar-se.

N'um pequeno folheto de 22 paginas, publicou-se tambem recentemente o *Relatorio da Associação de Escolas Moveis* pelo methoto de João de Deus, relatorio respeitante á dignissima gerencia de 1889 a 1892. Esta associação, florescente como está, é uma das mais sympathicas instituições de caridade no paiz, e devida principalmente a um nosso honrado amigo, e importante negociante d'alli. Agradecemos o mimo da offerta.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, moceidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

COMPRAM-SE

NA livraria Mesquita Pimentel, 67, rua de D. Pedro, 69, Porto, as seguintes obras, completas ou truncadas, sendo por preços rasoaveis: *Portugal antigo e moderno*, *Anno Christão*, *Esplendores da Fé*, por Moigno; *Diccionario popular*, *Minho Pittoresco*, *Cerco do Porto*, *Diccionario Contemporaneo*, de Caldas Aulette; *Diccionario francez*, de Domingos d'Azevedo, e emfim todas e quaesquer outras, antigas e modernas, nacionaes ou estrangeiras.

Na mesma livraria Mesquita Pimentel, tambem se encontram por preços convidativos todos os livros em geral e especialmente obras de grande preço.

Qualquer livro estrangeiro que lhe seja encommendado e que porventura não tenha no seu estabelecimento, é fornecido no praso de 7 dias, pois tem

O jury em materia criminal é uma instituição essencial do todo o governo livre; é a intervenção da nação no julgamento; é a substituição do bom senso universal ao arbitrio da prepotencia, ou á tyrannia das provas previstas. Nos processos politicos, e especialmente nos de imprensa só o jury póde ser juiz competente. E' ahi que as tramas de facção, ou os abusos do governo podem exercer maior influencia no julgamento. E' ahi, por isso mesmo que o accusado deve ser julgado pelos seus pares naturaes, e não pelos delegados da auctoridade publica.

Sem jury não ha liberdade; sem jury não póde ser effectiva a independencia do poder judicial. Para que esta exista, é preciso separar os juizes de todo o contacto e dependencia do poder executivo; é preciso não affectar á sua decisão cousas de tal ordem, que os colloquem entre a injustiça e a transferencia.

A imprensa é para o povo. E' ao povo só que compete o direito de a interpretar. E toda a causa de imprensa se reduz a uma simples interpretação. Alli não são precisos conhecimentos especiaes; alli basta o bom senso e a consciencia. A carta constitucional define no art. 119 a esphera das attribuições dos dois elementos do poder judicial. Aos jurados compete o conhecimento do facto; aos juizes a applicação da lei. E o que é, perguntamos, o que é um julgamento por abuso de liberdade de imprensa, senão qualificação de facto, e applicação da pena quando o facto seja criminoso? A quem senão ao jury póde competir, pela razão, e pela carta, a interpretação das palavras do escriptor?

A proposta supprime o jury de imprensa; anniquila o; faz mais—insulta o; chama-lhe *tribunal incapaz e impotente!*... Incapaz o jury! impotente o jury, nobre conde da Thomar! Pois o que é o *veredictum* do jury, senão a sentença do paiz? Mais restrictamente ainda, o que é senão a sentença d'aquella parte sensata, illustrada, ordeira, proprietaria, que segundo as theorias constitucionaes, tem o monopolio da capacidade, da eleição e da eligibilidade? Receiaes o *veredictum* do jury? E' porque temeis a sentença do paiz. E' porque sabeis que sois um impostor miseravel, um calumniador infame, quando affirmaes, que a nação está pelo vosso lado.

Mas não basta assassinar a liberdade; é preciso organisar a tyrannia; não basta supprimir o jury; é preciso construir o patibulo da imprensa. Não foram os tribunaes ordinarios, com os seus recursos naturaes, segundo a jerarchia judiciaria, que mereceram a confiança do governo. Não foi mesmo o ministerio publico com a sua organisação regular, que lhe pareceu sufficiente para designar as victimas—não. Para accusar, um *commissario regio* (art. 56), para julgar, uma alçada especial (art. 15).

Que importa estar consignado na carta (art. 145, § 16) o principio constitucional, que proscreve as *commissões especiaes nas causas civeis ou crimes*. Que importa? Acima da carta está a vontade suprema do estadista de Algodres, as inspirações vingativas do ministro concussionario. O jury e as relações foram envolvidos no mesmo anathema. Honra seja feita aos juizes de segunda instancia, que desmereceram no conceito do favorito! Honra seja feita aos tribunaes, que apesar de contaminados pelos enxertos exoticos e inconstitucionaes dos *ministros honorarios*, não foram julgados capazes de servir de instrumentos de corrupção!

O tribunal de imprensa é um tribunal de excepção. Qual é a sua organisação? Vejamos. Em Lisboa e Porto cinco juizes de primeira instancia; trez nas demais comarcas do reino e ilhas (art. 16). Quaes são as suas attribuições? Julgar *de facto e de direito, em primeira e ultima instancia* todos os processos de imprensa.

Onde está a independencia do tribunal? Os juizes de primeira instancia são transferidos pelo arbitrio ministerial. O juiz recto e probo póde ser transferido para Loanda ou Moçambique. A transferencia equivale muitas vezes á demissão. Não ha lei, que regule o accesso judicial. Ainda ha pouco appareceu um exemplo escandaloso na promoção de cinco juizes á segunda instancia com preterição dos mais antigos, e de muitos mais benemeritos que os despachados. Quando o governo foi interpellado por ter prostergado o principio constitucional e o sophisma erigido em lei; é o caprixo de um valido insolente atropelando todas as fórmas constitucionaes; é a ignorancia e a maldade; é o descaro e a vingança; é a consagração da torpeza e do roubo inviolavel.

Ha dois systemas oppostos em relação á communicação dos pensamentos—o da censura, e o da liberdade. O primeiro nega o direito; o segundo exige a responsabilidade no exercicio d'elle. O primeiro previne e impede; o segundo póde castigar. O primeiro é estacionario e falso, conduz em via recta ao obscurantismo; o segundo é amplo e progressivo, o seu fim é a illustração; no primeiro systema o escripto não tem garantia que lhe asseguro a publicidade; o escriptor pelo contrario tem a certeza de não ser punido. No segundo o escripto é livre sempre, o escriptor responde perante a lei pelo uso que fez dessa liberdade. A carta adopta o segundo systema, e regeita completamente o primeiro.

Nada porém mais absurdo, nada mais iniquo, nada mais despotico que um mixto dos dois systemas. Embaraçar por todos os modos a publicação dos escriptos, cercar a imprensa de pêas e estorvos, impedir directa e arbitrariamente pela acção administrativa a communicação do pensamento, e redobrar depois a responsabilidade do escriptor, é revestir o poder de uma armadura impenetravel, e ao mesmo tempo armal-o com uma espada de dois gumes. Este pensamento traiçoeiro, este combate covarde e desegual é o que se pretendeu estabelecer na proposta actual.

O jornal politico é de todas as publicações a que mais póde prejudicar um governo immoral, assim como é o mais firme esteio de um governo justo. E' a sentinella constante do poder, que lhe vigia os passos, que lhe segue os movimentos que os discute diariamente, que o entrega á admiração ou ao desprezo, á estima ou ao odio da opinião publica. Por isso o conde de Thomar detesta o jornal. E' sobre o jornal que vão pesar as suas mais atrozes vexações.

Um editor de jornal precisa uma renda duplicada da que era exigida pela lei de 1840; os depositos sobem á enorme quantia de *doze contos de réis* em inscripções, ou *quatro* mara? Se tudo é máo, porque não as declara completamente derogadas? Porque pede para si a auctorisação inconstitucional de rever, refundir e codificar? Porque invade o dominio legislativo que não lhe pertence?

Entendemos. A legislação anterior vigora na parte odiosa; está abolida na parte em que dá garantias á livre communicação dos escriptos. A nova lei é uma experiencia. A codificação ha de completar a obra com os resultados que a practica tiver demonstrado.

Basta ler essa estirada serie de artigos, que constituem a parte penal, e que se denominam—*classificação e punição de delictos de abuso de liberdade de imprensa*—para vêr que o dominio da imprensa é annulado. Escriptores, sabei, que não podeis atacar—Rei ou Rainha Reinante, regente ou outro membro da Familia Real—Soberano estrangeiro, ou chefe de governo reconhecido, ou seus representantes em Portugal—*Ministro* e Conselheiro de estado, ou membro das camaras legislativas, ou do poder judicial—Empregado em qualquer ramo de serviço publico—Cidadão nacional, ou individuo estrangeiro residente em Portugal.

Como entendeis vós que os actos do governo, de um ministro, de um magistrado qualquer possam discutir-se, sem o atacar ou defender *por qualquer modo directo ou indirecto*? A censura do abuso não envolve um ataque ao prevaricador? A condemnação da immoralidade não contém a sentença do devasso? Julgaes-vos superiores á discussão; acobertaes-vos com uma inviolabilidade de papel. Os vossos pensamentos, são muito curtos, para que possam ser examinados; as vossas intelligencias muito obsecadas para que possam soffrer a luz; as vossas vidas muito impuras para que tolerem a biographia publica. Mas apesar das vossas leis, apesar das vossas alçadas, a imprensa ha de surgir no meio das trévas em que a lançaes: ha de arrastar-vos pelos cabellos á praça publica; ha de despir-vos o ouropel de hystriões, com que enfeitaes; ha de proclamar em voz alta os vossos vexames, as vossas extorsões, a vossa insufficiencia, os vossos roubos, a vossa immoralidade.

excellentes correspoudentes nas principaes cidades da Europa, sendo o unico representante em Portugal de muitas livrarias estrangeiras.

Encarrega-se d'assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, d'encadernações em todos os generos, etc.,etc

Endereço:
LIVRARIA MESQUITA PIMENTEL
PORTO

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADES
(2.° annuncio)

PARA pagamento de dividas, vendem-se as seguintes propriedades que pertenceram ao fallecido sr. João Maria Garcia:

Uma morada de casas na rua de José Luciano de Castro, n.° 18.

Uma outra dita na mesma rua com o n.° 20.

Uma outra baixa, na dita rua, com o n.° 2.

Uma outra, idem, idem, com o n.° 4.

Uma outra, idem, idem, com o n.° 6.

E uma outra, idem, idem, com o n.° 8.

Dois armazens situados na mesma rua.

Uma piscina sita nos Santos Martyres.

Um palheiro sito na Costa Nova do Prado.

Uma terra denominada a Sernada, sita em Requeixo, que se compõe de terra lavradia, praias d'arroz e pinhal.

Quem pretender comprar todas ou qualquer d'estas propriedades, dirija-se á ex.ma viuva do fallecido, na rua José Luciano de Castro—AVEIRO.

ADVOGADO
DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA
Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras. uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

BORRAS E SARRO DE VINHO

COMPRAM-SE grandes porções e ninguem paga melhor preço do que A. J. Rosa, rua dos Remoares, 8,—LISBOA.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia

Praça de D. Pedro, 59, 1.°—LISBOA

a fim de receberem *gratis* o 1.° numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

CAL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia.

Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga**, em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense*, em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.°
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores*.

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVÃO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSÃO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaesemechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.° andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visitos modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER
ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA
Rua das Janellas Verdes
LISBOA

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA
MOUSINHO DA SILVEIRA, 191. 1.°—PORTO

E NAS LIVRARIAS

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

Dôr

Com este titulo acaba de ser publicado um interessante livro de sonetos do sr. PAULINO D'OLIVEIRA, que se acha á venda em todas as livrarias, pelo preço de 400 réis.

LIVRARIA EDITORA—F. CHAGAS
69—RUA AUREA—69
LISBOA

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.° fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saleiro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. I.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

O dogma politico da legitimidade do chefe de estado, e das instituições consignadas na carta constitucional da monarchia não póde discutir-se, diz o art. 3.°

Em politica não ha dogmas; ha principios. Não ha crenças; ha convicções. Proclamar por auctoridade a legitimidade da dynastia, o a infallibilidade da constituição é revelar que vos faltam razões para convencer, ou que não tendes intelligencia para as combinar.

Que vos importa, que o realista de D. Miguel negue o direito dynastico da senhora D. Maria II? Que vos importa, que o liberal, o progressista derive todo o seu direito da vontade popular, que a collocou no throno, e declare que o mesmo povo, que lhe deu a investidura, póde retirar-lh'a quando lhe convenha? Se tendes razões, que reduzam os adversarios ao silencio, não lhe tapeis a bóca com a mordaça.

Os publicistas do direito divino não admittiam a discussão. Para esses a legitimidade podia ser, e era um dogma; a realeza era um sacerdocio; a constituição do estado um Evangelho. Embora absurdos nos principios, eram logicos nas consequencias. Mas a realeza, que nasceu d'uma revolução' ha de acceitar o facto, que lhe deu origem; se renega o direito popular, condemna se a si mesma. A raiva d'estes estadistas ignaros, compromette a causa do throno e da dynastia, que fingem sustentar.

E' prohibido—*deprimir o caracter de qualquer cidadão—publicar com má fé, os extractos das sessões das camaras legislativas—desviar os militares da obediencia passiva—defender factos condemnados pelas leis — publicar com má fé noticias falsas.* E' prohibido tudo. A lei devassa a consciencia do escriptor para prescrutar alli a má fé. Se apparecesse uma nova edição do *Flos Sanctorum*, estavamos certos que podia ser accusada pela nova lei.

Tinham esquecido ainda aos legisladores algumas disposições restrictivas, que foram encaixar-se no corpo cahotico das disposições geraes.—*A simples cópia sem a sua decidida refutação de qualquer artigo abusivo* é um crime (art. 47). E' crear o monopolio das cópias em favor da imprensa ministerial.—*A traducção de artigos insertos em jornaes estrangeiros, cujos artigos sejam abusivos e denunciaveis em Portugal*—outro crime (art. 48).

Curvemo-nos perante o furor restrictivo do artigo. Acatemos até a grammatica duvidosa d'aquello—*cujos*. Esqueçamos as palavras tremendas de M. Hume, e de Lord Bentinck no parlamento inglez:—*os Cabraes roubavam tudo, expoliavam tudo, punham tudo em almoeda*. Não repitamos taes discursos, que póde vir ahi algum *commissario de imprensa* accusar-nos como infractores da lei, Silencio! Façamos um auto de fé do livro azul. Nas correspondencias de M. Southern e de Lord Palmerston abundam expressões pouco favoraveis ao valido inviolavel.

Até a caridade foi erigida em crime. Até as subscripções em favor dos jornaes multados foram proscriptas como subsersivas da ordem publica. Condemnados e presos, quereis ainda tolher-nos a compaixão dos amigos? Quereis que todos se regosigem, como vós, do nosso mal? E' pequenez de mais, srs. ministros. Ide tambem prohibir ao empregado dimittido pela vossa prepotencia, ao militar da terceira secção, á viuva que deixaes morrer de fome, que estenda a mão á esmola dos que passam. Privae-os de recorrer á beneficencia individual, para que não se desacredite a vossa sabia e benificentissima administração.

A lei, que mutila assim este grande elemento constitucional—a imprensa, não a quer organisar; quer destruil-a. Não cura de prevenir o abuso; pretende cercear a faculdade. Não parte de uma só consideração de utilidade publica; tem origem unicamente na vingança mesquinha de uma vaidade pequenita.

Mas onde se revela nú e hediondo, o odio á imprensa é na organisação do processo. E' um principio de direito universal, que o processo deve dar garantias á accusação e á defeza. Não ha criminalista, que não affirme, que quando o equilibrio exacto da justiça seja impossivel, antes penda a balança a favor do accusado. Aqui a accusação é omnipotente; a defeza é nulla.

Temos pois um juiz a julgar em segunda e suprema instancia o recurso interposto da sua propria sentença! Alli, como juiz de primeira instancia, pronuncion; acolá, como membro do tribunal de imprensa, confirmou a pronuncia.

Custa a crêr como os auctores da proposta souberam alliar taes monstruosidades juridicas, taes absurdos legislativos com tanta mesquinhez de concepções e tanta perversidade de intenção.

Dois traços mais servem de ornato a este quadro de miserias—o julgamento excepcional na camara dos pares, ou na dos deputados, e o segredo inquisitorial em que deve jazer o processo. A publicidade affronta-os, debaixo de qualquer fórma que seja. Até aqui todo o processo da pronuncia em diante era do dominio do publico. Todos tinham o direito de velar pela boa applicação das leis. Agora á excepção da sentença, todos os mais actos de um processo de imprensa devem cercar-se de um véo mysterioso.

Os actos da nova inquisição precisam das trevas.

O tribunal excepcional podia ter ainda alguns laivos de rectidão. A' camara dos pares vae pertencer a decisão dos processos de imprensa, que lhe digam respeito; da mesma fórma á camara dos deputados. A' camara dos pares vae tambem competir o julgamento dos outros processos por abuso de liberdade de imprensa, que o governo houver por bem deferir-lhe.

Ha ahi uma invasão de poderes manifesta; ha um principio de arbitrio detestavel. O accusado não póde dar de suspeitos os juizes; o accusador póde a seu bel-prazer denegar-lhe o tribunal que elle mesmo creou, para o arrastar á barra de uma camara, onde as *fornadas illimitadas* dão ao ministerialismo uma elasticidade espantosa. O poder legislativo não deve arrogar-se as funcções do poder judicial; a lei determina-lhe que assuma a dictadura, quando a questão fôr sua, quando fôr pessoal; isto é quando póssa ser ao mesmo tempo juiz e parte.

Uma tal organisação judicial não tem analyse. O simples enunciado denuncia-a em toda a sua verdade. E' o arbitrio constitucional do accesso, respondeu, que na falta de lei regulamentar suppria tudo um *firman* do executivo.

Assim premio e castigo—tudo depende para o juiz de primeira instancia do ministro. Eis ahi porque esta classe foi preferida; eis-ahi porque os tribunaes superiores foram privados de toda a ingerencia legitima nas causas de imprensa. Quando um juiz se mostrar imparcial e recto, tem transferencia certa; quando for condescendente e docil, subiu o primeiro degráu da segunda instancia.

Ora como o tribunal depende directa e immediatamente do governo, o poder que se lhe confere deve ser discripcionario. E é. *Julgar de facto e de direito* — embora a carta descrimine cautelosamente os dois elementos do julgamento, pareceu pouco ainda. *Julgar em primeira e ultima instancia* é o complemento da grande obra.

E de que serve essa excepção irrisoria consignada no § unico do art. 29? De que serve o recurso de revista para o Supremo Tribunal de Justiça por nullidade do processo? Em uma causa ordinaria, quando o Supremo Tribunal concede a revista, o processo vae a novos juizes; quando ha nullidade no processo, ou violação de lei, o feito é entregue a outros julgadores, para repararem a illegalidade ou injustiça. Aqui não. Tem de voltar ao mesmo tribunal, tem de ser submettido aos mesmo juizes, porque o art. 15 não admitte restricção alguma. Assim o recurso de revista é n'este caso uma demora de chicana, e nunca póde ser a reparação de um direito offendido.

Mais ainda. De todo o despacho de pronuncia cabe recurso de aggravo, diz a reforma judiciaria, part. 3.° art. 143 § unico. Este principio foi reconhecido pela proposta de lei no art. 19. Mas como se effectua aqui este recurso? Ao juiz criminal de primeira instancia continúa a competir o processo preparatorio até á pronuncia inclusivamente, diz o art. 14. Ora o juiz criminal de primeira instancia é membro nato do tribunal especial de imprensa; é este tribunal, e só elle que póde tomar conhecimento do aggravo de injusta pronuncia, segundo a determinação expressa e litteral do art. 19.